Livros publicados do Autor

Esboço biografico—(de D. Cristovam C. de Sousa e Faro) 1901 Esgotado.

1.º Anuario da Escola Normal de Nova Gôa—(de 1842 a 1913)

Hygiene escolar—(Memoria apresentada a Conferencia sanitaria da India portugueza, 1914).

Afonso d'Albuquerque—trabalho comemorativo do 4.º centenario do seu falecimento, publicado pela Sociedade de Geografia de Lisboa, 1916.

A India Portugueza—(notas economicas e financeiras, 1.ª parte, Lisboa, 1918).

Homenagem da India Portugueza—aos insignes aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral Memoria Organisada e prefaciada por incumbencia da Camara Municipal das Ilhas e por esta publicada, 1925.

Livro de Leitura—para as 3.ª, 4.ª e 5.ª classes das escolas primarias, aprovado pelo governo geral, de colaboração com os srs. Major Antonio Leite de Magalhães e Antonio Alves Prudente. 1922.

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

2.º *Anuario da Escola Normal de Nova Goa*—(de 1913 e 1925).

Memoria historico-estatistica da instrução publica no Estado da India (por incumbencia do governo geral, por portaria prov. n.º 384 de 16 de Julho de 1915)

J. BENEDITO GOMES

Médico, Professor do Liceu Central e da Escola Normal de Nova Goa, Sócio ordinario da Sociedade de Geografia de Lisbôa, e sócio efectivo do Instituto Vasco da Gama da India Portugueza

Ao Illmo. Sr. Nuno da Cunha Gonçalves, digno Administrador do Concelho de Ponta Delgada, offerecimento do Author

CONFERENCIAS

e artigos relacionados, da imprensa e Sociedade de Estudos pedagogicos, de Lisboa

---

I AFONSO D'ALBUQUERQUE (por ocasião das festas do Liceu Central deste nome); artigos na *Revista Colonial* e no *O Mundo*.

II NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO TECNICA EM GOA, a convite do *Gremio Literario Hindu*, de Nova Gôa. Trabalhos de ideas relacionaes na Sociedade de Estudos Pedagogicos de Lisboa, publicados pelo *Diario de Noticias*, e artigos n'*O Seculo*, n'*O Jornal do Comercio e das Colonias*, em Lisbôa.

E uma noticia actualisada dos estabelecimentos de ensino livre, de inglez com a sua frequencia, das instituições não oficiais de carater educativo, fundadas pelos filhos da India portugueza, dentro de Gôa, na India ingleza e na Africa Oriental.

NOVA GOA

Tip. Arthur & Viegas

1925

Aos meus considerados mestres

da *Escola Normal Superior*
da Universidade de Lisboa

Dr. Queiroz Veloso
Dr. Oliveira Ramos
Dr. Ruy Teles Palhinha
Dr. E. Soares Andrea
Dr. Silva Telles
Dr. Adolfo Coelho

da *Escola de Medicina Tropical* de Lisboa

Dr. Silva Telles
Dr. Ayres Kopke
Dr. José de Magalhães

da *Escola Colonial*
de Lisboa

Ernesto de Vasconcellos
Eduarto Alberto Lima Basto
Dr. Carneiro de Moura
Pe. Dalgado
José Francisco da Silva
Almeida Garret
Pe. Quintão
Dr. Ramada Curto
Lourenço Caiola

Aos exmos. Senhores

DR. AUGUSTO LUIS VIEIRA SOARES
antigo Ministro dos Negocios Estrangeiros

JOSÉ MENDES RIBEIRO NORTON DE MATOS
antigo Ministro da Guerra

ANTONIO MACHADO SANTOS
antigo e finado Ministro das Subsistencias

testemunho de gratidão
de um filho da Índia

Exmo. Senhor Governador Geral!
Minhas Senhoras!
Meus caros Camaradas!
Ilustres Chefes de familia!
Ilustre Corpo Academico!

Trata-se duma comemoração em que educadores e educandos se juntam para uma festa civica, de caracter academico, a que vêmos, com muita satisfação, associarem-se o sr. Governador Geral do Estado da India, o mais alto e digno representante da Republica portuguesa na India e sucessor de Afonso de Albuquerque, e os ilustres chefes de familia.

E' pois uma festa da familia portuguesa da India, toda unida e solidarisada para uma manifestação civica. Eu vejo e sinto aqui personalisado o ideal da Republica Portuguesa: o ideal democratico, o ideal aconfessional, o ideal igualitario, porque vejo sectarios de diversas religiões irmanados, castas diversas unidas, classes sociais congregadas, sexos diferentes misturados, idades variadas associadas, todos abraçados em volta de uma bandeira,—uma festa academica—, em volta de um ideal, — uma comemoração civica, — em volta de uma finalidade, — Afonso de Albuquerque.

Mas que é isto, meus senhores, que fez estuar os entusiasmos, despertar as comoções, para todos nós, num impulso quasi inconsciente e generoso, colaborarmos em volta duma festa academica, com sacrificio das nossas comodidades, com interrupção das nossas sequencias? E' que a generosidade se aliou a uma convicção, de que uma festa academica é uma festa de todos: de todas as familias, de todas as classes, de todas as religiões, de todas as idades.

Só a familia é uma instituição fundamental; as clas-

ses, as religiões, as castas, os ideais politicos, os sexos não são mais que variantes morfologicas, em que os diversos agregados humanos se fixam temporariamente, para determinados efeitos, por virtude de condicionamentos especiais, para o exercicio da sua actividade biologica e social.

O IDEAL PORTUGUEZ

E é esse prisma do ideal português, que, espalhado por processos de digestão politica de assimilação, em que por longos 4 seculos vivemos, fez de nós tão bons portugueses como os que lá na metropole vivem em mais intimo contacto com o caracter português.

E quem iniciou essa impregnação do espirito português no Oriente, é o grande Afonso de Albuquerque, cuja commemoração estamos hoje aqui a fazer.

Não irei hoje, meus senhores, desfiar essa longa trama tecida de bravuras, de lealdade, de amor e de benemerencia e—porque não? de actos de rigidez de disciplina que constitue o esqueleto moral de Afonso de Albuquerque, para o expôr como modelo e como exemplo para todos nós aqui reunidos, governantes e governados, educadores e educandos.

Não. Seria tarefa mais ardua e fóra do caracter desta festa, que é uma festa academica, em que o educando, como hospedeiro, exige de mim, e doutros que lhe falam, que se ponham em sua casa, ao seu feitio e á sua medida. E é por isso mesmo, meus senhores, que me sinto embaraçado, e dar-me ei por feliz, se, dentro das pequenas sinteses que eu mostrar, puder deduzir corolarios que nos sirvam de modelos e de normas para a nossa vida.

A. D'ALBUQUERQUE PADROEIRO DO LICEU CENTRAL

O patrono que o Liceu Central tomou, é o patrono do Estado da India, porque tomando a *ilustrissima Ilha de Goa*. e fazendo da cidade de Goa a cabeça de "toda la India", plantou o primeiro nucleo português no Oriente. E para a epoca em que o fez, e nas condições em

que o realisou, ele é o primeiro homem da Europa que no Oriente lançou doutrinas, fixou principios e ensaiou culturas politicas que passaram depois a ser as leis da Humanidade. Dupleix, Lord Clive, lord Bentinck e o proprio Akbar são herdeiros das suas ideias imperialistas.

Nele se encontram reunidos os requisitos de guerreiro e de politico, de aristocrata de nascimento e de democrata nas ideas, de disciplinador e de misericordioso, de um estadista eficiente e de um vidente, de um soldado lealissimo e de um homem de envergadura moral superior.

Quando Dom Francisco de Almeida o 1.º viso-rei elaborava a doutrina politica de que para Portugal bastava o dominio maritimo, um dominio flutuante, Afonso de Albuquerque entendia que, sem bases e pontos de apoio em terra, a acção portuguesa no Oriente seria uma acção falida.

O CARACTER DE ALBUQUERQUE

A guerra e a politica não são ideas que costumam associar-se e cohabitar em um mesmo cerebro. Emquanto uma é a destruição, o sangue, a morte, o movimento, a outra é a construção, a ordem, o exigo repouso. A guerra é o estrondo do trovão, o ruido da artilharia; são estilhaços, são cadaveres. A politica são leis sàbias e justas, são arestas limadas, são conflitos solucionados, são os triunfos da diplomacia, são medidas para o progresso economico.

Uma produz deficit; outra deixa saldo.

Se Afonso de Albuquerque, como guerreiro, é um leão, como politico é um sabio. Manso e prudente, emquanto a guerra se quer mostrar inevitavel, é feroz e duro, quando ela rebenta e quando a não evitam. A tomada de Gôa é um salto de leão. Mas depois do salto é uma explosão de bondade. Durante o salto ha sangue, ha mortes; mas, depois, ha protecção ás mouras cativas, ha toda a benevolencia pelos presos, toda a bondade para os conquistados. Antes da guerra, toda a politica para a evitar: cartas para os reis aliados, embaixadas, comis-

sarios, presentes; depois da guerra, todo o rigor para os que a não evitaram, toda a justiça para os que conspiram.

Grande aparato, grande luxo e pompa perante os rajás e chefes estranhos, para impôr o poderio do Rei português; mas quando estava a morrer, recomendava ao seu testamenteiro que lhe escondesse as calças rôtas, e pedia para o seu filho uma esmola para a sua decente manutenção.

O PROGRAMA PORTUGUEZ FOI COMERCIAL E GEOGRAFICO

A determinante da expansão portuguesa pelo Oriente é o comercio entravado pelos turcos; é tambem a feição maritima do seu clima. E o problema português foi um problema geografico, tal como o vêmos agora posto pelas grandes nações coloniais.

Malaca pelo seu estreito, o emuntorio, comercial das Ilhas do Pacifico, é tambem a feira do Oriente. Ormuz pelo seu estreito é a derivante do rico comercio da Persia. O problema de Aden foi para tapar a saida do mouro e impedir a entrada do comercio da India para o Egito. A bacia do Indico, com a costa da Africa e a hegemonia politica e comercial na costa da Asia é um oceano português. Carecia se na costa de um ponto onde se pudesse estabelecer o centro do poder, onde se instalasse a alma que animasse essa enorme bacia, e esse ponto escolhido foi Gôa, porque Gôa era o centro do poder mouro, era o lugar onde se urdiam as conspirações contra o dominio português.

Dom Henrique, Dom João II, Dom Manuel queriam o comercio das Indias. O espirito religioso cristão a epoca exigia guerra aos crentes de Mahomet. E enquanto D. Francisco de Almeida julgava bem servir o seu Rei, mantendo o dominio português com bandeiras no alto dos mastros e com algumas feitorias ao longo da costa, Afonso de Albuquerque satisfez completa e eficientemente os ideiais da expansão portuguesa, dominando todo um Oceano, o Indico, não só com fortalezas e feitorias, mas com alianças e tratados, tapando portas de

saida para o mar aos inimigos dos portugueses no Oriente. No auge dos seus planos de ataque ao mouro, pensou até em cortar comunicações e matar a fome o Egito, rasgando o isthmo de Suez e derivando as aguas do Nilo para o Mar Vermelho.

Todos os actos de Afonso de Albuquerque obedecem a esse ideal fundamental. Toda a sua politica é para bem servir essa maneira de vêr. Tudo quanto pratica é para fazer de Gôa uma delegação da metropole portuguesa, com um extenso dominio da costa do Indico, desde o Cabo da Boa Esperança até Malaca, e do seu chefe um representante do Rei de Portugal.

Se Lisbôa era o entreposto comercial entre a India e a Europa, Gôa era-o entre o Oriente e o Ocidente. Com o Mediterraneo fechado, Vasco da Gama abre o Indico. Dom Francisco de Almeida faz os preparativos para o seu monopolio, mas é Afonso de Albuquerque quem toma posse efectiva desse Oceano e do seu litoral.

DOIS OCEANOS PORTUGUESES

Não se espantem, meus senhores, dessas concepções gigantescas que as luminosidades dos genios nos dão, porque mais tarde vêmos na esfera da acção portuguesa mais um oceano dominado, o Atlantico. O Brasil por um lado e a costa ocidental da Africa por outro, são bem as dominantes dessa hegemonia.

O português, meus senhores parece-se com o semeador altruista da Humanidade que prepara e semeia; e quando chega a época da colheita, não se importa em que os outros a apanhem, porque não traz nas suas reservas o fim utilitario das empresas. Civilizou a bacia do Indico, civilisou a do Atlantico, penetrou ainda quasi todo o Pacifico, e hoje descança gosando espiritualmente de tanto bem que a Humanidade desfruta.

As pontas da America do Sul, da Africa e da Asia são dobradas pelos portugueses. Os extremos do Lavrador na America, do Japão na Asia, das Molucas na Oceania são tambem descubertas portuguezas.

Os Drakes e os Bugainvilles só são imitadores dos portuguezes, como os circumnavegadores aereos serão

successores dos Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

ALBUQUERQUE UM GRANDE POLITICO

Mas eu disse tambem, meus senhores, que Afonso de Albuquerque fôra um grande estadista. Firme no seu ideal, serve o ininterruptamente; ele é amigo dos desprotegidos e dos oprimidos. Respeito pelas crenças e pelos costumes alheios, justiça egual para todos, são o seu lema.

Ele é um cristão fervoroso, mas é tolerante e amigo dos hindús e até para os mouros que não sejam seus adversarios politicos.

São as alianças com os rajás que lhe servem de armas de combate contra o mouro. E' a protecção que dispensava aos oprimidos que lhe serve de sustentaculo para combater a tirania dos opressores. E é das alianças com os proprios mouros, mas inimigos do mouro do Egito, que ele se utilisa para a luta.

Receioso de que a raça portuguesa se extinga, ele ensaia culturas politicas, cria com casamentos entre portuguezes e indianas uma nova casta, constituindo um nucleo de população permanente que mantenha a perpetuidade da raça e dos sentimentos portugueses. O grande Alexandre da Macedonia preparara a helenisação da Pérsia e do Egito, e foi Afonso d'Albuquerque quem deitou alicerces para a lusitanisação da India.

Afonso de Albuquerque, justo, respeita as crenças alheias que não colidam com os seus interesses politicos. Ele respeita e mantém as instituições locais dos conquistados, como as comunidades Ele dimite e atenúa os rigores dos impostos e das vexações tributarias, concedendo quitas. Ele garante justiça rigorosa para os oprimidos, castigando muitas vezes com severidade os infractores das suas ordens, precisamente porque elas são justas.

No intuito de deixar ampla a liberdade dos povos nas questões locais, escolhe nativos para a gerencia dos seus negocios, como o Timoja e o Melrão em Gôa e o Utemutu Rajá em Malaca; dá exactores hindús para a cobrança das rendas, transige o mais possivel com

os usos locais da justiça e da administração publica.

A ENERGIA E A DISCIPLINA SALVANDO OS PLANOS IMPERIALISTAS

Afonso de Albuquerque disciplinador é energico.

A disciplina, meus senhores, é condição da harmonia e do sucesso. Se por vezes o encontramos confinando com actos de dureza, a mandar desorelhar, a decepar os narizes, a enforcar nas vergas dos navios, são actos de suprema energia, filhos de profunda indignação, para punir crimes gravissimos para «memoria e espanto da traição que cometeram contra Deus e seu Rei» ou contra a moralidade publica ultrajada. Rui Dias foi enforcado porque era raptor clandestino da honra das mouras cativas; Martim Afonso, Manuel Pires e Diogo Fernandes executados por crimes da alta traição contra o seu Rei; Rash Amed e o velho Xabandar condenados a pena capital, como traidores e falsos, etc.

Se é reparavel a disciplina de Afonso de Albuquerque castigando com rigor actos de insubordinação e delitos de caracter, ele derrete-se tambem em actos de bondade e de carinho, como um coração feminino. Quando do desastre da *Flôr de la mar* conduzindo o fabuloso saque de Malaca, Albuquerque salva o filhinho duma escrava, de preferencia ao espolio que se mergulhava nas aguas Para atender á sorte das viuvas e orfãs dos portugueses, funda a *Bolsa para os orfãos*, o fundamento da actual Santa Casa da Misericordia. Falecera em Cochim o seu maior inimigo, João da Nova, abandonado de todos, mas é Albuquerque quem o manda enterrar por sua conta!

Mas senhores, Albuquerque, apesar de absorvido em desgostos de chatins e de intrigantes, em guerras contra os mouros e em planos imperialistas, não se esqueceu da instrução a dar aos filhos dos conquistados. Em uma arca encontrou em Cochim umas cartilhas, e ordenou um casado a ensinar a ler e escrever, e tal foi o resultado obtido, que escrevia para a Côrte, que «eram os meninos muito agudos e que tomavam bem o que lhes ensinavam».

ALBUQUERQUE MARTIR

Minhas Senhoras e meus Senhores

Afonso de Albuquerque, depois de prestados tão altos serviços ao Rei e a Portugal, é um martir. Como todos os grandes homens da humanidade, teve martirios a coroá-lo.

Cada plano pensado, têm a contrariá-lo muitos dos seus companheiros. Os seus capitães, são no conselho os seus adversarios politicos. A conquista de Ormuz, de Gôa e de Malaca são pontos discutidos em conselho de capitães, e sempre combatidos pelo maior numero. E se, apesar disso, elas se realisam, foi devido á energia de Albuquerque. Sem homens a ajudá-lo, e para uma empreza tão gigantesca como ele a queria, seria um fracasso, se Albuquerque não fosse o homem de ferro. Não houve intrigas que se não organisassem, calunias e malsinações que se não fizessem, para desfazer um seu plano.

Já mesmo antes de Governador, conhecedores do seu genio forte, os seus inimigos já o haviam indisposto com Dom Francisco de Almeida, forjando-se até cartas de entendimento oculto com os inimigos dos portugueses, comprometedoras da sua lealdade para com o Rei de Portugal. As intrigas renderam-lhe uma prisão em Cananore por tres meses. Depois criaram em sua volta uma fama de doido. E como, apesar de tudo, e graças ao marechal F. Coutinho, fôra investido no cargo de Governador da India, a teia das intrigas e das calunias transferiu-se para a Côrte de Dom Manuel, em Lisbôa.

A maledicencia dos impotentes, as intrigas, as ambições desmedidas não satisfeitas, tudo se juntou, e por tal forma, que explodiu em uma carta que da Côrte veio escrita, para Albuquerque responder, sobre a manutenção de Gôa.

Eis as primeiras e enérgicas palavras da sua resposta:

> Senhor! Eu tomei Gôa, porque Vossa Alteza mo mandou e o Marechal o trouxe em sua instrução, e tambem o fiz por ser cabeça principal que estava feita para nos botarem fóra da India...

E falando dos seus inimigos, que encareciam as despezas e os gastos necessarios para manter Gôa, dizia:

> Se isto assi hade ser, deixe Vossa Alteza a India aos mouros e não na queira suster com gastos e despesas tão desordenados no mar, em náos de cortiça a quatro bombas. Pois os gastos desordenados que estes homens ociosos escrevem a Vossa Alteza que Gôa faz, as escumas da India são tão grandes que sendo grangeadas por vossos oficiais, bastam para suster muita parte das despezas que se nela fazem.

E a sua corôa de martirio se exalça, quando já, mais cançado que velho, e de regresso de Ormuz a Gôa, lhe vêm dar a noticia doutro governador e doutros capitães nomeados para gerirem os negocios da India, e precisamente aqueles que, por conspiradores e desleais ao Rei, remetera a ferros para Lisbôa.

Doente e alquebrado, cançado e gasto, ele, todo lealdade para o seu Rei, todo dedicação para o seu imperio, que construira, pedra por pedra, á custa de intrigas desfeitas, de conspirações descobertas, sossobrou. Viu, por momentos, como em ilusões e traições se desfaria o que tanto lhe custara a organisar, e, alma de cristão fervoroso, homem de consciencia limpa, procurou refugio nas graças da Igreja.

Disse acabrunhado e agonisante para o seu amigo:

> Que vos parece, sr. Diogo Fernandes Beja? Bôas novas são aquelas para mim, que os homens que mandei presos e de que escrevi mal, vem honrados e bradantes. Certamente que grandes são os meus pecados ante El-Rei. Pois estou mal ante ele por amor dos homens, e mal com os homens, por amor dele: cumpre-me recolher á Igreja.

E manda arriar a bandeira da sua nau, que outro Governador estava em Gôa.

Ouçamos ainda, meus senhores, as suas derradeiras

palavras, que são como os ultimos arrancos da sua agonia torturada:

> Sr. Esta é a derradeira que com soluços de morte escrevo a Vossa Alteza, de quantas com espirito de vida lhe tenha escrito pola ver livre da confusão desta derradeira hora e muito contente na ocupação do seu serviço ..
>
> Quanto ás cousas da India, ela falará por si e por mim.

E morreu nos braços do vigario geral Fr. Domingos de Sousa, ali nas alturas da Agoada, faz hoje 407 anos, legando essa saudade infinda, que o tão longo periodo de anos volvidos não logrou apagar.

A INDIA PERANTE ALBUQUERQUE

Senhores!

A' hora da morte, na agonia que, fechando as janelas da vida vai abrindo as portas do tumulo, Afonso de Albuquerque exclamou: «Quanto ás coisas da India, ela falará por si e por mim». E ela falou.

Falou energica e imponente, quando o seu tumulo foi por muitos anos o logar de peregrinação para cristãos e hindus, a evocar Albuquerque pedindo justiça, quando perseguidos. Falou ainda pelos monumentos e comemorações que aqui se têm feito e se fazem. Ali, quasi defronte deste Liceu, se ergue um monumento que a subscrição publica erigiu em 1847, para colocar a estatua de Albuquerque que, tendo estado primitivamente no Arco dos Vice Reis, foi depois transferida para a igreja da Serra, e, quando esta caiu, para a Praça das Sete Janelas, hoje Praça de Afonso de Albuquerque.

Não ha muito, decorrendo o 4.º centenario da reconquista de Gôa, a India se agitou, e houve notaveis e brilhantes festas comemorativas. O 4.º centenario do seu falecimento, a India o celebrou com a convocação de um *Congresso*, inaugurando um acontecimento de altissima importancia para a India que ele tanto queria, acontecimento que tive ocasião de gravar em Lisbôa

em um artigo na *Revista Colonial*. (a)

¿E o que é esse sentimento de afecto que na India existe pelo Portugal dalém-mar, senão a perpetuação, transmitindo-se através de gerações, do amor pelo português, como o ser de justiça, e de bondade, daquela justiça e bondade, de que Albuquerque criara tradição e fama, como garantia contra a prepotencia, contra o arbitrio, contra o despotismo de quem quer?

E por tal forma, meus senhores, esses sentimentos de afecto se infiltraram, que já se disse que era necessario vir á India, para se ser mais português.

A INDIA E' ESTRUTURALMENTE PORTUGUESA

E quereis provas da identificação de sentimentos da India portuguesa, apesar de pobre e pequena, com Portugal? E' a India que acorre pressurosa a compartilhar as magoas e os triunfos da metropole. Quando a Holanda faminta nos tentava saquear Gôa em 1663, o Conselho dos tres Estados deliberou mandar fintar as propriedades com a oitava parte das suas rendas. Quando em 1688 o marata Sambagy nos açoitava por Santo Estevam e por Salcete, o mesmo Conselho deliberava tomar a prata das igrejas, para fazer moeda. Em 1738, as Camaras gerais entraram com 150 mil pardaus para a luta contra o marata. Quando Dom João de Castro pedia dinheiro para reedificar a fortaleza de Diu, desmantelada pelos sucessivos cercos, mandando como penhor os cabelos da sua barba, o Senado de Gôa enviava 20 mil pardaus, e as damas de Gôa as suas joias. E com as joias das damas de Gôa se contou tambem, quando o vice rei Antonio de Melo e Castro, indignado com a cessão de Bombaim, propunha a sua troca ou indemnisação em dinheiro.

Não ha muito, quando foi resolvido que Portugal devia entrar na guerra, houve na India uma manifestação de solidariedade que ecoou além mar e que eu sublinhei em Lisbôa no jornal *O Mundo*. (b) Ainda ha poucos meses, quando Gago Coutinho e Sacadura Cabral,

a) Vae adiante reproduzido. (b) Idem.

dois portugueses, consumaram a mais arrojada empresa da travessia do Atlantico entre duas terras portuguesas na lingua, costumes e habitos, o fremito de entusiasmo que electrisou a alma portuguesa em Portugal, repercutiu-se imediata e estrondosamente nesta India.

E' a India que fala por si e por Albuquerque.

Como alma velando carinhosa pela sua 1.ª conquista na India, Albuquerque é tido ainda hoje como o anjo tutelar da sociedade portuguesa. A ele se invoca como o exemplo e como o modêlo. Apontam-no aos governantes como homem sabio e de justiça recta, como homem altruista e amigo do seu povo, mais do que si proprio. E nós governados vêmos na sua vida o sucesso da obediencia ás leis e o segredo da bôa disciplina que ele tanto trabalhou por manter integra. Ele é um farol para os educadores, porque o exemplo é um dos melhores meios educativos para a formação da mocidade. E é guia para os educandos, como o tipo da lealdade e dedicação, que foi até ao sacrificio, ao seu Rei e á sua Patria.

SEJA ALBUQUERQUE O GUIA E O MODELO

Corpo Academico! E' vossa a festa. A festa é de luz e de amor. Um grande clarão vos ilumina. Aquele grande caracter, aquela grande fé, aquela grande aspiração para o bem e para a justiça, aquela grande lealdade, e até mesmo aquela piedade para os seus inimigos, predicados do Patrono da vossa festa, sejam todos vossos.

Não vos sossobreis com os tantos espinhos do seu martirio. As contrariedades, os embaraços dos mediocres, são corôas que vêem engrinaldar a fonte dos homens de caracter.

Vêde essas flores além-tumulo, vêde essas evocações gloriosas, vêde esses hinos de amor que de todos os pontos ecôam, de tantos que a Afonso de Albuquerque têm sido entoados por nacionais e estrangeiros, e dizei-me, com Marco Aurelio, se mais feliz não é uma morte assim do que uma vida de flutuações que não marcam, vida de dôres e de angustias que pode amolecer o caracter, se dela não tirarmos a resistencia.

Reflecti nesses galhardetes e flamulas que vossas mãos com tanto carinho fizeram, em ardoroso e incansado trabalho.

Que foi que o determinou?

O entusiasmo quente das vossas idades? O ardor civico dos vossos afectos? Não. Não foi só isso. Houve uma determinante secreta, e oculta que agora reconhecereis. Foi a tradição saudosa dum grande português, transmitida de geração em geração, avigorada de seculo para seculo, que determinou e orientou o vosso entusiasmo.

O Albuquerque que vós enflorastes, é o mesmo que escreveu ao Rei, isso que mais directamente vos é aplicavel:

> As escumas da India são tão grandes que sendo grangeadas por vossos oficiais bastam para suster muita parte das despezas que nele se fazem.

E as escumas da India sois vós, a geração do futuro Escuma fertilissima, escuma abundante, escuma abençoada e que, bem grangeada, salvará esta India, sem outras autonomias, que a autonomia disciplinada do pensamento, da acção e do trabalho. Mas hade ser o trabalho metodico e orientado tal como o Patrono desta festa o empregou, afrontando intrigas e calunias e contrariedades, para se erguer tão alto, como vós, mais uma vez, o colocastes.

E disse.

O 1.º CONGRESSO PROVINCIAL NA INDIA PORTUGUESA

Vae reproduzido o artigo publicado em Setembro de 1916 na *Revista Colonial* de Lisboa, a que atraz se referiu.

Teve um sucesso notavel o 1.º Congresso provincial que na India portuguesa se realizou em principios de abril ultimo. Convocado pelo governador geral da India o sr. dr. M. Couceiro da Costa, iniciados os trabalhos pelo presidente eleito do 1.º e antigo Senado de

Gôa o tenente-coronel Caetano Joaquim Fialho dos Reis, e realisado sob a presidencia de quem lhe sucedeu no cargo, o general-medico chefe de saude aposentado Miguel Caetano Dias, o Congresso provincial da India portugueza foi uma bela manifestação das forças vivas do paiz, em laboração intensa, para discutirem com aprumo e com consciencia, os varios assumptos vitaes da provincia, marcados no programa.

Congressistas em numero superior a 300, representando as mais obscuras agremiações que traduzissem o sentimento popular, vindos dos diversos pontos da provincia, todos se juntaram no salão dos paços da Camara das Ilhas, para aì em plena comunhão de ideias deitarem alicerces para a obra do resurgimento da sua terra natal, preparando-se, como para constituir um tirocinio para a autonomia que é lá esperada, por muitos, com anciedade.

E a ocasião foi bela. Corria o ano de 1915, que era o ano do 4.º centenario do falecimento do grande Albuquerque. Albuquerque fôra um grande autonomista, e nesse mesmo ano era esperada a Carta organica da concessão da autonomia pelo governo republicano. Ao governador geral da India se pedira para ser ele o iniciador desse movimento, não só por ser extranho ás politicas e lutas de castas sociaes, mas porque cabia a ele a paternidade do projecto da descentralisação administrativa que deseja posto em vigôr. E ele fez convocar o Congresso, traçou programa, constituiu a comissão organisadora, e foi mais tarde convidado a assistir á inauguração dos trabalhos.

O Congresso nos 5 dias que funcionou por sub-comissões e secções, tratando dos diversos capitulos do programa traçado, definiu e esclareceu doutrinas, deliberou e votou conclusões, que em numero de 50 foram remetidas ao governo para o seu estudo e efectivação, e já se acham publicadas na folha oficial.

O Congresso foi, pois, uma bela exhibição das forças vivas, que por vezes separadas por interesses antagonicos, ora por preconceitos de supremacias odiosas de castas, ora de religiões, ora de politicas locaes, mantinham-se em tensão defensiva e que agora se congregaram para o movimento resurreicional da provincia, que todos viam apatica e estacionaria no seu modo de vida organico.

Jovens cheios de fé e de esperança, velhos prenhes de desalento e de indignação, todos compungidos perante o descalabro que se lhes afigurava progressivo no sentido da vida colectiva da provincia, abalançaram-se á gloriosa empreza e triunfaram. E a India mais uma vez se afirmou altiva e radiante, provando-se capaz duma redenção em todas as formas da sua vida colectiva. O que se apurou, é que se carecia de imprimir aos esforços locaes uma feição de mais latitude expansional e que se lhe outorgasse a responsabilidade da sua admistração, por um criterio que traduzisse a maior impulsividade no seu modo de ser privativo.

As falhas da educação indo-portuguesa toda teorica e teorisante, as peias da legislação que fazem sossobrar as melhores iniciativas, os vicios regionaes que inhabilitam o cidadão, o mesmo que lá fóra vae produzir valores apreciaveis, a má organisação do capital que ou mata ou faz sufocar o trabalho, o vicioso regime de terras que facilita a emigração e despovôa a provincia, é dessa agitação dos elementos da vida interna, que se procurava fazer derivar medidas para acudir a um mal estar que prometia ir-se agravando.

Li ainda ha pouco, que na provincia de Moçambique se pensava em um Congresso analogo. Ficaria assim para a India mais uma gloria, a de tomar a vanguarda do progresso entre as chamadas colonias, no caminho da sua emancipação.

Quem escreve estas linhas, foi um dos mais calorosos propugnadores pela realisação do Congresso, não que fosse em si uma ideia nova, mas porque representaria uma especie de campeonato politico, para se aferir a capacidade para autonomia, e como a melhor forma da comemoração centenial de Albuquerque.

AS ORIGENS DO MOVIMENTO

No meu trabalho comemorativo sobre Albuquerque

que a Sociedade de Geografia amavelmente editou, já disse como a ideia do Congresso veio a estabelecer-se no espirito dos cidadãos da India portuguesa, e aqui passarei a expôr as suas origens remotas que se devem buscar na historia do movimento politico que vae no imperio anglo-indiano.

E' na politica anexionista de Lorh Dalhousie, contemplada com reservas pelo indiano astuto e observador, que rebentou pela revolta dos cypaios em 1857, que é necessario ir buscar as origens do movimento emancipativo da India. O *durbar* da aclamação do governo da rainha Victoria em Alhabad em 1858, apeando do poder a autocratica Companhia das Indias e a consequente modificação do codigo fundamental do governo da India, promulgada por Lord Canning, foi o primeiro calmante politico deitado sobre a alma efervescente do indiano descontente.

Em 1871, os conselhos legislativos tinham já membros que podiam ser tirados do elemento nativo e não oficial. A visita do duque de Edimburgo em 1869-70, e o *durbar* de Ambala pelo qual Sher Ali é reconhecido Emir do Afganistão, procuram nivelar a desconfiança e desfazer odios separatistas entre dominantes e estados nativos. Em 1875-76 o então principe de Gales faz o seu *tour* pela India para a reanimar e atrair. Em 1877 realisa-se o *durbar* da aclamação da rainha Victoria como imperatriz das Indias, na historica cidade de Delhi. E ultimamente, para acalmar os animos excitados por causa da divisão da provincia de Bengala, resultando daí a supremacia duma comunidade, o governo inglez transfere a capital para Delhi, a antiga cidade mogol. Desde 1912, a representação popular nos conselhos legislativos é superior á oficial. Tem-na todas as provincias do colossal imperio. Para citar só trez importantes: Bengala para 54 membros tem apenas 20 oficiaes; Madrasta para 48 membros, tem 20 oficiaes; Bombaim para 48, tem 18 oficiaes.

Mas o governo inglez não trabalhou só á superficie. Emquanto se esforçava por absorver os diversos estados, preparava-os, desenvolvendo as instituições locaes,

estimulando a agricultura, o comercio, e a industria, de maneira a não constituirem onus, assumindo ele, o governo, a direcção superior das provincias integradas. Lord Ripon é a principal alma do movimento assimilador pelo estimulo dado á vida local.

A India que ao principio exteriorisava o seu descontentamento pelos massacres, pelas revoltas, pelas guerras, que tão serios cuidados davam aos inglezes, armou-se depois, de novas formas de combate: o *swadeshismo* e os *congressos*. O swadeshismo é a guerra economica, a propaganda quasi exclusiva a favor do consumo dos productos manufacturados ou obtidos na região, em concorrencia com os de fóra. Os congressos representam grandes forjas onde se debatem e se elaboram os planos de administração publica e financeira, que os indianos julgam necessarios para o seu desenvolvimento. O swadeshismo prégado quasi como cruzada santa despertou admiravelmente a industria regional, tendo que fechar muitas fabricas inglezas. Os congressos estão constituindo uma grande força popular. Realisam-se anualmente nas principaes cidades e são concorridos de milhares de individuos que ali afluem para ouvir os seus apostolos como Tillak, Gokale, Dadabai, etc., sem distinção de credos politicos ou religiosos. Atribue-se ao grande mahometano Sir Sayed Rhmed Khan, que fundou a *British Indian Association* em 1866, a origem da ideia congressista, para estabelecer uma aproximação entre o povo anglo-indiano e o governo. Sabe se que o 1.º Congresso em Bombaim, iniciou-o o governador Lord Dufferin.

Pois foi do belo resultado obtido dos Congressos na India ingleza, que dimanou a ideia do Congresso provincial na India portuguesa, trazida pelo frequente contacto entre indo-portugueses e anglo-indianos. No concelho de Pondá, por ocasião duma festa escolar aí realisada no Colegio Antônio José de Almeida, ouvi uma bela conferencia feita por um hindu anglo-indiano sobre assuntos da vida autonomica local, perante um auditorio de quasi 500 cidadãos.

E a propria India portuguesa, no sentido de movi-

mentos congressistas para tratar de varias questões, ora de classes, ora do paiz em geral, tem, de quando em vez, dado sinaes da sua existencia, que será bom evocá-los para se fazer a sua verdadeira historia politica.

A Junta geral da provincia, que o liberal Rebelo da Silva constituiu em parlamente colonial, foi um belo esboço, onde se estrearam as melhores individualidades daquela epoca da India, algumas vivas felizmente. Ali numa importante freguesia de Bardez, em Calangute, pelos anos de 1895, se me não falha a memoria, um grupo de jovens cheios de vida e de ideias, numa *Associação Academica*, discutiam as bases da descentralisação administrativa da India, votando conclusões que depois foram impressas e distribuidas. Eu sei que esses trabalhos foram entusiasticamente apoiados, entre outros, por um dos mais talentosos estadistas coloniaes o sr. Ernesto de Vilhena. Bernardo Francisco da Costa em inspector da instrução primaria iniciou os congressos pedagogicos onde os professores primarios discutiam as questões de ensino. Em 1898, o concelho de Pondá foi o teatro duma reunião de proprietarios para discutir as questões da agricultura local. Não ha muito, na capital do Estado, reuniu-se a Conferencia da imprensa. E ha 2 anos a Conferencia sanitaria tratando de importantes assuntos da saude publica, sob a presidencia do general-medico José Maria da Costa Alvares, teve um belo sucesso, festejando uma das datas da reforma e instalação do importante padrão que Portugal tem na India, a Escola Medica.

As tentativas na India, para o exercicio amplo das liberdades e vicas, teem sido coroadas de sucesso. Apezar de divididos em castas, politicas e religiões, os indo portuguezes juntam-se para defenderem interesses comuns, exigem dos governantes que se lhes respeitem os direitos e que se lhes faça uma justiça egual.

O 1.º Congresso provincial foi uma bela manifestação Gloria ao governador geral que tomou a iniciativa, á sugestão da imprensa local, e gloria á India que acudiu pressurosa e ávida a dar mais uma prova do seu civismo.

A INDIA PORTUGUESA E A DECLARAÇÃO DE GUERRA

Vae reproduzido o artigo publicado em maio de 1916 no diario *O Mundo* de Lisboa, a que atraz se referiu.

Foi como uma explosão de delirio a manifestação que, a India portuguesa fez, quando lá chegou a noticia da declaração da guerra feita pela Alemanha, e a altivez e o desassombro com que Portugal respondeu. Camaras, comissões municipais, funcionarios, povo, negociantes, proprietarios, industriais, todos acolhidos e congregados em volta dos respectivos corpos gerentes ou chefes, todos se juntaram para ir dizer ao seu bemquisto chefe do Estado, representante da Patria e da Republica Portuguesa na India, que lá os tinha todos unidos para numa acção comum, ofensiva ou defensiva que fosse, abater o orgulho e a ferocidade alemãs a afrontar a benevolencia, a cortezia e o caracter da nação portuguesa.

A convite do ilustre presidente da Camara municipal do concelho da capital do Estado, o antigo Senado de Gôa que Albuquerque instituiu em 1511, juntavam-se cidadãos no largo do municipio e, após as primeiras alocuções explicativas da convocação, punham-se todos em marcha, proprietarios, capitalistas, medicos, advogados, funcionarios, negociantes, industriais, todos com a alma cheia de patriotismo, com os olhos postos na bandeira da Patria, ladeada de outras das nações aliadas, aos gritos de vivas á Patria e á Republica, ás nações aliadas, freneticos de jubilo, a caminharem para o palacio do governo, para aí testumunharem a sua adesão sincera e firme, a declararem o seu contigente energico e vivo, para a grande obra redentora em que Portugal e as nações aliadas estão interessadas, a do predominio do direito sobre a tirania, da justiça sobre a ferocidade, da civilisação sobre a barbarie, da luz sobre as trevas.

Almas ardentes e inflamadas de patriotismo emergem da multidão e, quais apostolos em cruzada santa da guerra, desfraldam o sudario que a Alemanha traz manchado de sangue perante a humanidade, sangue inocen-

te de mulheres e crianças, oceanos feitos sepulcros hiantes, tragando legiões de homens viajando em vapores, barbaros atentados contra os monumentos da arte e da sciencia, o enorme talho de carne humana em que está transformada a Europa central, e para os portugueses o rapto de Kionga, o ataque de Naulila, o insulto á nacionalidade. As ovações a Portugal e ás nações aliadas, ao sr. Presidente da Republica e ao governo estrugem, sonoras e ininterruptas. A banda militar toca o hino nacional e inflama. Toda a mole humana tem uma só alma, a alma de patriotas, um só corpo, a barreira para se defender do inimigo.

Chega ás varandas do palacio o governador geral dr. Couceiro da Costa e o entusiasmo cresce; a multidão que em tropel viera da Camara municipal até o palacio, desdobra-se em alma para aclamar o governador como representante da Patria que foi afronta a pelos alemães, da Patria pequena em extensão, mas enorme na quantidade de herois que abriga; da Patria que ali unificada, confraternisada, vinha dizer ao chefe do Estado:

—Temos, senhor, sangue quente e rubro para verter pela Patria, que o orgulho alemão quer abatida e riscada, como a Belgica e como a Servia. Nós tambem somos portugues para defender a Patria ameaçada; temos nas veias sangue de heroes de Bonga; defendemos palmo a palmo, ainda ha pouco territorios de Macau; corremos não ha muito para Sofala e para Moçambique quando lá se fazia preciso valor e bravura. São nossos antepassados maratas guerreiros como Rana Sang, Shivagi, o Ballagi Visvonath, o Bagirau; foram nossos parentes e irmãos que, afrontando climas e doenças penetraram Moçambique, como evangelizadores, como medicos, como negociantes, rasgando frestas e abrindo caminhos á bela e forte civilisação portuguesa. Em Portugal dois grandes vultos da democracia republicana os srs. dr. Antonio José de Almeida e dr. Afonso Costa, por muito tempo divergentes na forma da consolidação do regime republicano, se juntaram em causa comum da Patria, para se defrontarem unidos e fortes, com o inimigo que

despontara no horisonte. Nesta India portuguesa, pequenina e retalhada por politicas, classes e religiões, viemos todos, perante o repto alemão, juntos em bloco, oferecer resistencia ao inimigo. Somos filhos da luz e na luz queremos estar. Fomos civilisados e aos civilisados nos havemos de juntar.

Era a India delirante e apopletica que falava por si ao representante da Republica Portuguesa. O governador geral, mais inflamado e febricitante por tão sugestiva manifestação dos habitantes seus jurisdicionados, vindo oferecer o leal concurso de cidadãos e afirmar o seu inequivoco sentimento de adesão ao governo, invoca por seu turno Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, D. Francisco de Almeida, que na galeria do palacio dos viso reis o espreitam e inspiram, e em reptos de eloquecia animada e viva, acolhe os manifestantes erguendo vivas á Patria portuguesa, á India, ás nações aliadas, e remata o seu entusiastico discurso com a quadra patriotica:

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu ceu
Brada a Europa, a terra inteira,
Portugal não pereceu.

O cortejo com o governador á frente vae passando pelas ruas da cidade, onde de todos os lados se ouvem vivas a Portugal, ás nações aliadas, á Republica, ao governo, etc., calorosamente correspondidos. Em todos os concelhos de fóra da capital do Estado, o entusiasmo foi quasi igual. Os municipes congregaram-se em volta dos chefes dos concelhos ou das Camaras municipaes, e no meio de estrondosas manifestações de simpatia, testemunharam a sua adesão. E para que ninguem escapasse, até a *União Goana* da India inglesa, representante de quasi cem mil emigrantes, em um grande comicio reunido em Bombaim, afirmou os seus sentimentos de solidariedade a Portugal, e fez, por intermedio do estimado consul português, testemunhar o seu voto perante o governo. Toda a India portuguesa se convulsionou, pois, como sacudida por um vendaval, para dar a

sua adesão franca, sincera e leal resposta da aceitação da guerra que a Alemanha nos declarou.

A INDIA PORTUGUESA E' INDIA

Minusculo ponto microscopico na grande peninsula hindustanica, a India tem as suas tradições comuns, o seu espirito, o seu tipo regional. Num projecto de livro que o actual ministro da guerra sr. Norton de Matos se propôs publicar em tempo, dizia que o europeu no fim de dez anos de estada na India, estava indianizado: cedia os seus caracteres de imigrante, para em osmose permanente com o meio e com os homens de lá, adquirir caracteres de indio. A absorção é um caracter de fragilidade relativa para o absorvido, na selecção natural. A India foi um mundo limitado pelas barreiras geograficas naturais do Himalaia e do Oceano indico; e como na humanidade, os grandes factos sociais quasi se reproduzem telepaticamente e telechronicamente, porque o agente que os produz, é o homem, na civilização indiana, encontram-se eclosões fenomenologicas quasi iguais ás que se passam na Europa. Sakia Moni para o bramanismo postvedico, representa Lutero para o cristianismo.

As lutas religiosas que flagelam o ocidente, colocando-o numa instabilidade politica, fragmentando imperios, reproduzem-se na India, ora entre budhistas e indus, ora entre estes e mahometanos. Azoka com o concilio de Patna, (244 a. C.) reproduz-se com Constantino Magno e concilio de Nicéa. Chalons-sur-le-Marne, Salamina são batalhas que opõem dique á invasão do oriente mais ou menos prenhe de religiosidade junto com a absorção politica. As batalhas de Talikota, de Paniput, de Ujein são bruscos e violentos choques do hinduismo e do mahometismo, bilocando-se em organismos politicos. Shivagi, o grande fundador do imperio marata, bebia como Alexandre Magno, inspirações nos poemas epicos. Fez de Sopa e da fortaleza de Raigurh, o mesmo que Alexandre da sua Macedonia: o nucleo de um grande imperio.

Atila, Alarico e outros do ocidente tem representantes em Gengiskan, Tamerlão, Nadir Shá, no oriente. Seculos de explendor nas letras foram, o de Pericles na Grecia, o de Augusto em Roma, o de Luis XIV na França, e na India foi o de Vikrumaditia, rei de Ujein, com as «9 gemas» da sua côrte, dando inicio á era comercial hindu adotada ao norte (56 anos antes de Cristo). Salivan, um terrivel perseguidor dos budistas como Xancar Acarju, dá inicio a uma outra era (78 depois de Cristo) que é ainda hoje adoptada por todo o Decan (sul). Aurangzeb, Rana Sing de Rajputana e o analfabeto Haidar Ali são guerreiros que não tem muitos com quem se lhes ponha paralelo. Shere Shá por 1540 inaugura o serviço postal. Azoka manda escrever a historia em pilares de pedra postos como balizas do seu imperio, abole a pena de morte, etc. Akbar, o grande politico indiano dos fins do seculo XVI, ajudado do grande financeiro Todar Mull, comuta ainda nos principios do seculo XVII, o regime tributario, de generos em dinheiro, classifica terras pela sua força produtiva, determina a extinção da escravatura, os casamentos entre mogoes e maratas, etc.

Em arquitectura, Feroze Togluka no seculo XIV, deixou mais monumentos que o mais poderoso imperador romano helenisado. Em artes, Shah Jean deixa a obra mais admiravel do mundo, o Tajmahal em Agra, e foi dele um trono em Delhi, avaliado em 24 mil contos. E os templos de Somnat no Guzerate, de Muhacal de Ujein, o de Karlee, ode Ramesrão, são lindissimos munumentos da arte e do luxo indiano. Noor Jehan e Tarabai são rainhas que, ainda viúvas, comandam exercitos e dirigem a politica do seu pais. Os cêrcos de Chittor, em Rajputana, são e epopêas sublimes, uns exemplos de patriotismo da mulher indiana, após uma luta herculea e infeliz, preferindo queimar se nas fogueiras, a se entregar a quem lhes fizera a patria cativa.

Se a imensa India inglesa oferece á Inglaterra os panjabis, os gourkas, os sicks, os rajputs, os pathans, como soldados aguerridos e bravos, o minusculo trecho português da India, oferece a Portugal o marata e o indio, que tem paginas de heroismo nos climas adustos, sobretudo da Africa, pela sua resistencia, sua disciplina e

sua audacia, afirmadas desde ha um seculo.

Á INDIA E' TAMBEM PORTUGUESA

A India portuguesa é um pequenino Brasil onde a lingua, os habitos, as tendencias se infiltraram e se fixaram perduravelmente. O contacto de 4 seculos de dominação seria para ela, quasi como uma criação de uma segunda natureza analoga á do influxo dominador, se a uma só corrente estivesse ela submetida. E' a Portugal que, resumindo as distancias e vencendo a barreira dos oceanos, coube aproximar a India do Ocidente. E dessa aproximação resultou a infusão de novas crenças, novos ideais, o metabolismo intelectual, a implantação das grandes aquisições da humanidade livre e emancipada em um terreno fertil sim, mas pouco preparado para a expansão dos grandes sentimentos.

Portugal foi pois quem abriu para a India uma estrada de luz intensa, igual á sua propria, e dessa projecção ampla e forte, larga e fecunda, brotaram produtos que constituem para a India uma pleiade gloriosa de filhos notabilissimos, e para Portugal a criação generosa e grande da sua bela obra colonial. Eclesiasticos atingindo a bispos e veneraveis, medicos alcançando ser lentes catedraticos e de nomeada nos centros de maior cultura, cidadãos de talento conseguindo ser parlamentares de alto coturno e estadistas de facto e de potencia para ministros do Estado, jornalistas e politicos de larga visualidade, todaessa coorte luminosa com que a India se orgulha, é obra da educação portuguesa, livre e altruista. Eis porque a India, já etnologicamente tão afim de Portugal, politica e civilmente tão portuguesa, é-o tambem quanto aos sentimentos, pensamentos e obras.

Mas ha mais.

A India, apesar de pobre, dessorada e anemica, vivendo da cultura media que nos seus campos se faz, e do dinheiro que o emigrante coalha pela India inglesa e pelos vapores de carreiras, é tambem portuguesa para contribuir com os seus magros recursos para a defesa da Patria ameaçada. Dá cerebros para o gabinete, dá soldados e marechais para as batalhas e dá recursos para

guerras. Os seus grandes centros de vida economica que são as comunidades agricolas, apesar de monte-pios modestissimos de muitas viúvas desvalidas e de orfãos desamparados, os seus proprietarios numerosos e de pequenas rendas, as suas confrarias e fabricas com deveres cultuais obrigatorios, são os que muito teem contribuido para as despesas dessas guerras.

Quando a Holanda faminta nos tentava saquear Gôa, o Conselho dos tres Estados, deliberou em 5 de março de 1663, fintar as propriedades com a oitava parte das rendas. Quando em 1688 o marata Sambagi nos açoitava por Santo Estevam e por Salcete, os mesmos tres Estados deliberaram pelo seu Assento de 13 de Março de 1688, tomar a prata das igrejas para fazer moeda. Por virtude do Alvará de 13 de março de 1788, as Camaras gerais entraram com 150 mil xerafins (perto de 30 contos) distribuidos na proporção de 60, 50 e 40 mil por Salsete, Bardez e Ilhas, etc., para a luta contra o marata.

E na historia do patriotismo e bravura da mulher na India portuguesa, encontramos as matronas de Diu nos dois memoraveis cêrcos daquela praça, corajosas e intrepidas a meterem-se na arena, para levar alimentos, pensar feridas e assitir moribundos. Dom João de Castro pedia 20 mil xerafins para reedificar a fortaleza desmantelada de Diu, mandando como penhor unico que tinha, os cabelos da sua barba. E o Senado de Gôa remetia-lhos, e as damas as suas joias. Vivia Gôa sob o jugo das extorsões e actos de banditismo praticados pelos maratas, invadindo povoações pacificas e roubando-lhes os haveres, e foram as mulheres de Aldonã que defenderam o seu lar e a aldeia, com chuços e com paus. Ha ainda uma festa aldeã comemorativa desse facto. Custobá, o emerito bandido que semeou terror e desolação em Gôa, encontrou em muitas mulheres uma resistencia viva e tenaz. E com as joias delas se contava em 1662, quando o visorei Antonio de Melo e Castro propunha a indenização em dinheiro, para ficarmos com Bombaim.

E agora, quanto ás despesas da guerra, ao apêlo do bemquisto governador da India, todos os cidadãos, to-

das as classes, todas as colectividades, acorrendo pressurosas ao palacio do governo, ofereceram o contingente com que podiam contribuir para a guerra, os funcionarios um ou mais dias de vencimento em cada mês ou mais, segundo pudessem; de entre as corporações, a Santa Casa da Misericordia ofereceu os lucros de uma lotaria especial que ia abrir, calculada em uns 4 contos. E' no entanto o que dali se sabe. Bem dita a guerra que despertou assim um povo inteiro.

Dizia Marco Aurelio, que a morte era a melhor invenção da vida, e deve-se dizer tambem, que os inimigos são uma boa criação da humanidade.

Lisboa, 21 de abril de 1916.

II

Necessidade da educação tecnica em Goa

Conferencia feita no salão dos Paços Municipais do concelho das Ilhas a convite do «Gremio Literario Hindu» acompanhada de Trabalhos de ideas relacionaes na Sociedade dos Estudos Pedagogicos de Lisbôa, publicados pelo «Diario de Noticias», e artigos n«O Seculo», n«O Jornal do Comercio e das Colonias», n«A Capital» e n«A Manhã» daquela cidade, e noticia actualisada dos estabelecimentos de ensino livre de inglez com a sua frequencia, e das instituições não oficiaes de caráter educativo, existentes no Estado da India

NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO TECNICA

Tomamos ao diario *O Heraldo* de Nova Gôa, o seguinte relato da Conferencia, feito na sua edição do n.º 6097 de 5 de Outubro de 1922.

CONFERENCIA DO DOUTOR BENEDITO GOMES

Realisou-se, como dissemos ontem, no salão da Camara Municipal deste concelho a Conferencia promovida pelo *Gremio Literario Hindú* desta cidade sendo conferente o sr. Dr. José Benedito Gomes, professor do Liceu central e da Escola Normal.

CORONEL M SEQUEIRA
presidente da Conferencia

Com o salão cheio á cunha de estudantes, professores, muitos chefes de familia, funcionarios e alguns chefes de serviço, o advogado sr. Venctexa S. Rau Dessai, vogal do Conselho Legislativo e presidente honorario do Gremio, tomou a palavra para explicar a assemblea os fins do Gremio e a sua propaganda em prol do progresso da nossa terra.

Agradecendo em nome do Gremio tão avultada concorrencia, refere-se ao conferente que havia sido escolhido, o sr. Dr. Benedito Gomes, dizendo que era um filho distinto desta terra, conhecedor do paiz nas suas diversas necessidades e formas de actividade, e principalmente de assuntos de educação e ensino; que era um homem com tão altos predicados que a assistencia ia ter a satisfação de ouvir; que o Gremio fôra feliz tambem em encontrar para presidir a esta conferencia, um alto funcionario, uma das glorias do exercito portuguez, o coronel sr. Marques Sequeira, ora presidindo tão dignamente a Comissão Municipal, que, apezar dos seus numerosos serviços dera ao Gremio a honra de aceitar a presidencia desta sessão; e convidou o sr. coronel a tomar o logar de honra.

Uma salva de palmas acolheu a indicação do nome para a presidencia.

O sr. coronel Marques Sequeira agradece o convite e diz, que é com imenso prazer que assiste a esta sessão, não só porque se tratava de uma iniciativa do corpo academico, mas tambem porque o conferente é um filho distinto desta terra que não carece de ser apresentado, porque é bastante conhecido como medico distinto e como professor proficiente, que honra os estabelecimentos de ensino onde lecciona.

E deu em seguida a palavra ao ilustre conferente.

O sr. Dr. Benedito Gomes é acolhido com uma prolongada salva de palmas.

O conferente principia por agradecer as palavras com que é apresentado e a ovação com que é recebido pela assemblea, dizendo tratar se duma generosidade, e passa a ler o seu bem elaborado trabalho

Diz que não é uma conferencia aquilo que vae fazer; é antes uma palestra de professores e alunos, abrilhantada com a assistencia de chefes de familia que tão louvavelmente se associam a propagandas desta natureza.

Diz que o progresso entre nós tem criado ilusões que cumpre desfazer, porque as ilusões matam as actividades e geram a hipocrisia e a ignorancia. Justificando a escolha do tema que é a *Necessidade da educação tecnica*, disse que o escolhera, porque falava um homem que nascera e vivera no trabalho e que em luta com adversidades de toda a especie, construira a sua personalidade, tinha portanto o seu saber de experiencias feito; que falava tambem para um publico letrado, uma geração nova em cujas mãos se achava depositado o futuro desta terra; que o que ia dizer eram conclusões a que chegara, sobre o rumo a dar á educação nesta India no momento actual.

Que um povo para poder entrar nas lutas superiores da politica, tinha de aparelhar-se da sua força intima, que deriva da produção industrial, da produção agricola e que trabalhos desse genero eram escassos, porque escassa e quasi nula era a nossa preparação tecnica, para o que muito havia concorrido a forma educativa que nos tinha sido dada, que fôra a forma classica e humanista, agravada com a organisação das classes sociais pelo trabalho.

Passando depois uma revista pelos teatros da actividade para o filho da India, prova com interessantes dados colhidos, que a terra, pelo seu retalhamento e pela posse da maior parte que é dos não particulares, não se prestava como campo a explorar, e que só a intensidade de cultura obtida pela tecnicidade de processos, podia corrigir.

Prova que o capital, pela sua timidez e pela sua escassez não podia tambem ser o instrumento do progresso, podendo agir apenas nas pequenas industrias de pequenos capitais.

Passando em seguida para o trabalho, cujas formas desenvolve, prova que só ele poderá servir de base para o progresso da India, condicionando-o á educação apropriada.

Diz que o filho da India, enquanto é um autentico valor lá fora, aqui deseja ser parasita do Estado porque não está preparado para nada, porque as nossas escolas, pela sua organisação classicista, não o educam, procurando apenas instrui-lo, isto é mobilar o seu cerebro; que lhe parece que os estabelecimentos de ensino de inglez, aliás procurados em regra, pelos remediados de fortuna, visam mais á educação e portanto á construcção da personalidade, que ele considera o aspecto mais simpatico desses colegios.

Falando nas causas que concorrem para o filho da India Portuguesa querer ser parasita do Estado, cita a organisação do antigo sistema de classes na India, pela distribuição de trabalho, o que faz afastar uma grande parte de cidadãos do trabalho manual, agravada com a falta de educação para o trabalho que devia existir nas escolas, a brandura dos nossos costumes e os processos da politica que vae buscar na concessão de empregos, base para as suas clientelas eleitoraes.

Passa em revista a decadencia que se sente actualmente no exercicio da actividade livre, manifestando-se pela sucessiva diminuição de escolas e estabelecimentos de ensino livre, pela quasi falta de especialistas que dantes aqui existiam em diversos ramos do saber humano, pelo explicador que hoje se procura até na instrução primaria, pela carta do empenho e pedidos que tanto abundam para tudo, etc.

Prova com interessantes numeros que a difusão de escolas mal organisadas, aliada a permanencia de vicios ancestrais, tem criado um perigo novo e grave, o perigo do letrismo, uns 2.000 individuos que em cada ano se divorciam dos trabalhos da terra ou da industria manual.

Diz que o problema da India deve consistir em aproveitar e

valorisar esses 2.000 individuos, ensinando-os a trabalhar.

Diz que, do que nós precisamos é de mais laboratorios e museus e menos professores; mais aparelhos e material de ensino e menos livros; mais experiencias e trabalhos e menos lições e prelecções; que a crise do letrismo se assemelha pelas suas origens á crise moral, porque, assim como, extinguindo-se uma moral, a religiosa, que dominava, não se deu outra concreta que fosse acessivel, deram-se muitas escolas mas sem preparação bastante e finalidade para a vida, criando uma errancia e dispersão de espirito.

Refere-se a Reforma de educação e ensino formulada pelo sr. Governador Jaime de Morais com a colaboração dos filhos da India, como uma obra de aturado estudo regional e que visava principalmente a educar e preparar actividades para a vida moderna, instruindo tambem o estudante, para que venha a ser um cidadão apto para o trabalho, em vez de, como agora, um armario de livros ou um cabide de documentos e de titulos decorativos.

Concluindo, saudou o presidente da Conferencia, que com tanto carinho v.era a esta sessão de propaganda de idees educativas de professores e alunos, um homem que honrára a Patria Portuguesa no debate entre a civilisação germanica a a latina; saudou o sr. Governador Geral Dr. Jaime de Morais de cujas invulgares faculdades de inteligencia e de trabalho, o paiz tinha direito a esperar mais beneficios sobretudo na educação e ensino, assuntos que lhe mereciam especial simpatia; saudou os chefes de familia que num louvavel gesto se haviam integrado nesta sessão, provando que as questões de educação o ensino lhes interessavam como a nós outros, professores e estudantes; saudou finalmente o professorado que se entregava com dedicação e sacrificios á causa do ensino, e o Gremio que na engrenagem da sua instituição livre, tinha o tão patriotico fim de contribuir para o progresso desta terra.

Refere-se álgumas tranquilas oficinas de trabalho livre que funcionam em Pondá, Sanquelim, Pernem, como os nucleos ideais do nosso trabalho, e diz que era com esforços assim que esta terra podia prosperar.

Uma calorosa e prolongada salva de palmas fechou as palavras do conferente.

O presidente sr. coronel M. Sequeira, antes de encerrar a sessão, chamou a atenção dos presentes para os excelentes conceitos e ideas expressas pelo conferente, que são de alta importancia para esta terra, felecitou o conferente por tão apreciado trabalho e deu por finda a sessão.

O sr. Dr. Benedito Gomes foi no fim muito efusivamente cumprimentado, tendo a direcção do *Gremio* posto no seu colo e no do Presidente, colares de flores naturais.

Senhor Presidente

Minhas Senhoras e meus Senhores

A convite da ilustre Comissão do Gremio Literario Hindu, tenho hoje a oportunidade de vos falar.

Uma sociedade de jovens estudantes que se procura ilustrar, proporcionando a outros tambem, ocasião de o fazer, bastou-me esse aspecto simpatico para me decidir a fazer uma Conferencia, como eles a querem designar, mas que eu chamo uma Palestra de legionarios e de apostolos da mesma cruzada de progresso da nossa terra natal, a India portugueza.

Mas o progresso, meus Senhores, que grande palavra! Grande porque exprime uma evolução, mas grande tambem pela horrorosa tortura que está sofrendo da parte de espiritos pouco disciplinados, grande pelo abuso que dela se faz, considerando-o como coeficiente obrigatorio das actividades, grande finalmente pelos resultados que do seu uso não honesto e comedido podem derivar! E o progresso é assim infelizmente, como aquela charada vulgar que entretem espiritos infantis; alto está, alto mora, todos o vêem e ninguem o adora.

Eu seria um iconoclasta odiado se aqui vos viesse dizer que o progresso entre nós é uma palavra que nos está iludindo, que nos cria uma atmosfera de mentiras, para vivermos nesse engano estupefaciente da alma que nos inutilisa para o mesmo progresso.

Não ha como a ilusão para matar a actividade. Não ha como a mentira para chagar os sentimentos. Não ha como a hipocrisia para fecundar a ignorancia, a indolencia, e . . a morte moral.

Mas eu que vos disse que o progresso que nos atribuem é o que nos está iludindo, não vou ao extremo de vos dizer que não temos progredido. Se nos sentimos hoje com o espirito mais aberto para a apercepção do que nos vae em volta, se pelo facto do resumo das distancias aliado a acessibilidade das ideas, o nosso cerebro

adquiriu maior receptividade, o nosso progresso ainda se assemelha apenas ao infantil. E' como o das crianças que vendo homens adultos a puxarem pelo bigode ou a fumarem um cigarro, procuram imitá los.

O filho da India de hoje é um tipo diverso do que foi ha anos, e o de agora sê-lo-ha tambem do que anos depois viverá nesta terra. O contrario seria a ankilose, a paralisia e a imobilidade, incompativeis com seres que têm vida, isto é, o movimento.

Mas vós sabeis, meus senhores, o movimento é tão bom agente do progresso como da destruição, O segredo do seu sucesso está na orientação das suas energias motoras. As energias são os agentes fundamentaes do produto. Da potencia para a acção, da energia para o trabalho, da força para a sua resultante util, ha toda uma clareira onde reside a chave do sucesso, o segredo da eficiencia e o mistério da finalidade.

Assim como não bastam as materias primas para constituirem riqueza economica dum paiz, porque é necessario que haja quem nas valorise, assim as actividades só são eficientes, quando finalisam em trabalho util.

E o nosso trabalho util e mesmo potencial, que cria direitos para a maioridade, que objectiva e define as linhas do progresso, vós o sabeis— e eu terei tambem ocasião de frisar—é o que se vê, manifestações de grande actividade mental que pode embriagar e consolar, como afinações da inteligencia ou exuberancias da memória, mas que cria a fome que é má conselheira, que gera a fraqueza à resistencia moral, que dão a duplicidade e o mimetismo psiquico.

Os grandes periodos da vida de um povo em que predominam as caracteristicas da dispersão, da errancia, da mobilidade, são um periodo da vida infantil, em que as potencias andam á busca de pontos de apoio para se radicarem e crescerem.

O trabalho é a grande alavanca do progresso. Mas só o trabalho metodico é frutuoso, só o trabalho disciplinado é fecundo.

O homem que quer, tem de produzir volições. A ter-

ra que é rica tem de mostrar que o é. As inundações não fecundam sem terem tempo para deixar sedimentos. As palavras que não forem expressivas e fortes não determinam reacções. Eis porque resolvi falar-vos com a linguagem crua da verdade, sujeito a todas as consequencias das atestas que possam criar, porque o meu espirito, consciente da sua força, nunca fugiu a responsabilidade dos seus produtos.

A minha escolha do tema para a palestra de hoje incidiu sobre a *Necessidade da educação tecnica.*

Foram varias as determinantes dessa escolha.

Primeiramente falava um homem que do trabalho vivia, que nas lutas contra as adversidades de toda a especie construira a sua personalidade, e organisara portanto o seu saber de experiencias feito.

Falava para um publico letrado, e principalmente para uma geração nova em cujas mãos se acha depositado o futuro desta terra.

Assim creio que me fiz apresentar, com armadura polida sobre a minha fragil carcassa, porque o interesse e a utilidade do assunto, suprirão de qualquer forma as deficiencias de quem vos fala, de mais, de quem não dispondo de tempo, entendeu dever cria-lo unicamente no intuito de contribuir para a orientação de ideas sãs na geração nova que é o nosso futuro.

Senhor Presidente e meus Senhores

Ao tema que escolhi, chamei educação tecnica e não instrução tecnica, ou ensino tecnico, porque do que nós carecemos, é precisamente da educação.

A educação é a preparação e o aperfeiçoamento de todas as nossas faculdades, quer fisicas quer mentais. Eu não desejo só instrução tecnica, porque não desejo cerebros mobilados; mas desejo em primeiro logar casas acondicionadas e apropriadas para depois se fazer e acomodar a mobilia.

E se é certo que á moda Herbartiana, tambem se pode fazer o contrario, ou paralelamente, eu prefiro criar o logar e depois montar o movel. E' tal qual

O ensino ou a instrução tecnica viria a enriquecer

e aperfeiçoar o nosso cerebro, mas depois que os nossos orgãos de sentidos tivessem ter ado aptidões para o fazer.

Educação tecnica é a preparação do individuo para a especialisação. Ela hade consistir em criar e desenvolver orgãos capazes para a acomodação. Possuir olhos para vêr, mas não vêr bem, ter mãos para trabalhar mas não saber utilisa-las, ter musculos para produzir movimentos, mas não os ter disciplinados, é não ter educação. A tecnicidade é a singularisação para a convergencia do esforço. A educação faz a coordenação prèvia para essa convergencia sinergica.

Eu disse que temos algum progresso, que temos sinais de que estamos evolucionando, e acentùo agora que a nossa evolução mostrou ultimamente resumir um pouco a trajectoria natural, dentro da qual os fenomenso da vida social se desenrolam. E é minha opinião que como consequencia dessa precipitação na marcha natural, sobreveio-nos a caracteristica da imprecisão, da incoherencia por vezes, da falta da afirmação calma da presonalidade nas manifestações da vida.

Enquanto em um povo se não formar a consciencia cenestesica da sua actividade fabril e industrial, nas variadas modalidades que ela reveste, ele não pode emergir para as lutas superiores da politica, que são como as funções da mais alta hierarquia organica, que se efectivam apoz a maioridade. Um povo hade se consolidar na sua engrenagem intima pelas suas energias associadas para obras que façam peso, hade adquir personalidade pelos laços das suas industrias internas, pela rêde das producções variadas do seu solo pelo seu trabalho celular em fim, para emergir seguro e triunfante nas lutas.

Mas quaes são as teatros que se oferecem para o exercicio da actividade na India portugueza, tal como a vêmos preparada?

No quadro constituido de classes sociais e no grupo das principais profissões, mencionadas no censo de 1910, eu encontro 44 973 misteirais, para uma população total do 548 242 isto é uma percentagem de 8,2°|₀

Passemos um gol o de vista pelas tres principais fontes de riqueza, a terra, o capital e o trabalho.

A terra tem pouco a ser explorada em quantidade O concelho das Ilhas com 15.134 hectares tinha em 1908, terras completamente aproveitadas na extensão de 11.460 hectares, isto é na razão de 75°|₀. O concelho de Pondá na razão de 37°|₀. O de Sanquelim, 55°|₀. O de Damão 61°|₀. O de Diu 21°|₀. Exclui deste computo o aumento da area cultivavel pela irrigação, calculada em mais 2 108 hectares, pelo engenheiro Castel Branco.

Quando foi do ultimo Congresso provincial, o seu ilustre presidente, meu conterraneo Sr. Meneses Bragança deitando as contas da produção e consumo, afirmou que o nosso deficit cerealifero carecia de ser coberto com mais 40°|₀ de produção, para deixarmos de ser tributarios do estrangeiro.

Mas vós o sabeis, meus senhores, a terra no Estado da India Portugueza está quasi 50°|₀ fora das mãos dos particulares, salvo em Damão. Os valores dos prédios pertencentes aos pagodes, mesquitas, convento de Sta. Monica, Santa Casa de Misericordia de Goa e outras corporações, estavam avaliados em 2.577 863 rupias. (1.031 contos ao par). (Apenso ao B. O. n.° 17 de 1919),

E a terra, em mãos particulares acha-se tão retalhada que a pequena propriedade (até 2 hectares), representa 50°|₀ dessa area no concelho das Ilhas, e 26 a 29°|₀ em Pondá e Sanquelim, sendo apenas razoavel em Damão onde está em 4°|₀. A grande propriedade,

(isto é, de 20 a 100 hectares) acha se distribuida em area total, na razão de 0,09°/₀ nas Ilhas; de 0,15°/₀ em Pondá; de 0,11°/₀ em Sanquelim; de 0,22°/₀ em Damão e de 0,24°/₀ em Diu. (1)

Reparai bem, meus senhores, no campo da actividade que fica: 50°/₀ de terras em mãos não particulares, e o retalhamento da terra em pequena propriedade ocupando quasi 50°/₀!

Vejamos paralelamente o trabalho interessado. Dos 548.242 habitantes, encontramos 65 526 agricultores, e ao lado 54.219 proprietarios, isto é no total 120.445 homens interessados no grangeio das terras. Se deduzirmos os 56 695 individuos de idade inferior a 11 anos, encontro uma percentagem de 30°/₀ de habitantes interessados nos trabalhos agricolas.

E descendo por aqueles concelhos a que tive de me referir, tratando do retalhamento da propriedade, encontro no das Ilhas, um total de 4.085 interessados no grangeio das terras, numa população de 58.810 individuos de idade superior a 11 anos. Em Pondá, 15.656, num total de 48 337. Em Sanquelim 11.044, num total de 30.719. Em Damão 2 564 num total de 18.300. Em Diu 1.129 num total de 14 170

O nosso problema de cultura da terra não pode pois satisfazer se com o trabalho agricola que possamos realisar. O deficit das subsistências calculado em quasi 20 mil cumbos de arroz, exige pois uma maior intensidade de cultura, e a intensidade, como vôs o sabeis, só se a obtém pela tecnicidade de processos empregados, de maneira a realisar aquela formula tayloriana, o maior rendimento, em menos tempo e com menos despeza.

Eis o que fará a educação tecnica.

O capital seria outra fonte de rendimentos. Mas o capital-moeda ou valores creditorios que possuimos, caracterisam-se essencialmente pela sua timidez e pela sua relativa escassez. Dir se ia que a timidez psiquica do indo-portuguez se reflectia na circulação do seu

(1) Notas obtidas duns esclarecimentos amavelmente fornecidos pelo ilustre director da Repartição de Agrimensura sr. B. C. da Costa.

capital, como a imobilisação da propriedade traduz o conservantismo ou a perpetuação ancestral.

A sucessiva alta de juro traduz a carestia do capital ou a sua dificil mobilisação. Os emprestimos só se fazem com muitas dificuldades, porque os capitais mutuados, ou se imobilisam em hipotécas rigidas que se não solvem, salvo processos demorados e custosos, ou os capitaes fogem da circulação local para mobilisar obras e trabalhos no estrangeiro, visto procurarem abrigo e guarida nos Bancos da India ingleza.

A receita proveniente da contribuição de júros do orçamento de 1920-21, acha-se fixada em 24 contos, o que dá como capital circulante de emprestimos, em cerca de 2 520 contos, à taxa de juro médio de 8°/₀.

O capital dos emigrantes acha-se calculado em cerca de 300 contos, e as remessas feitas de Gôa para as Companhias de Seguros devem oscilar em cerca de 90 mil rupias, e a diferença dos direitos, entre a importação e exportação pagos nas alfandegas somaram nos ultimos tres anos, numa mèdia de 180 contos.

A taxa de juro, variavel segundo os prestamistas e segundo as localidades, teve oscilações fortes, desde 7°/₀ até 25°/₀, sem falar em emprestimos que nunca se solvem, porque são o laço de degola, do infeliz devedor que, uma vez cahido nas garras do agiota por esse laço ficou preso á prestação de todos os serviços, desde o trabalho a salario reduzido até aos depoimentos em juizo e votação nas listas eleitoraes.

Apezar da pobreza do paiz, não é a sua escassez o problema do capital. E' a sua timidez como instrumento da riqueza e a sua não valorisação.

O capital que em toda a parte movimenta e fecunda, que perfura montanhas, rompe canais, desbasta florestas, drena pantanos, aqui, entre nós foge á luz para preferir o enclausuramento. Não será pois pelo capital que prepararemos o progresso da nossa India.

E o trabalho, meus senhores.

O trabalho, fonte de rendimento, exercicio de musculos, janela por onde respiramos saude, esse vive tambem entre nós murcho, qual flôr do jardim, a quem lhe

tiraram a luz vivificante.

A India primando se desde velhos seculos em estabelecer pela hierarquia do trabalho, a das classes sociais, parece estar evolucionando por obter a mais alta perfeição neste genero.

Pesando vigorosa a estratificação estabelecida, pendendo para o ilotismo a actividade da industria manual, da industria agricola, da industria fabril, da industria pecuaria, o filho da India orientou e deixou explodir as suas energias para os trabalhos intelectuais. Mas bom seria, se aos psiquicos se associassem os motores. Se o cerebro funcionasse agindo pelos musculos que produzissem utilidades, o equilibrio do pensamento com a acção, do querer com o fazer, da imagem com a realidade, da idea para o acto, teriam efeitos uteis.

Infelizmente, assim não vemos realisado.

Dos muitos que pensam, ha poucos que executam. Dos muitos que criam imagens e elaboram especulações, ha poucos que descem ás realisações praticas.

A sociedade carece hoje mais de homens de acção que de pensamento; mais de obras que de ideas, mais de realidades que de abstracções. A decisão e a acção traduzem grandes energias interiores e são atributos de grandes espíritos.

Educado o filho da India nas velhas epocas sob o regime de classes que mais tarde se apertaram em castas, organisadas pela qualidade do trabalho, ocupando mais alta escala os de grau especulativo, e mais tarde os cristãos principalmente, tendo recebido a cultura humanista com retoricas, filosofias e metafisicas, a actividade do filho da India orientou-se para a literatura, para a educação livresca, para o cultivo do intelectualismo. Eis o que nós somos porque, assim no-lo fizeram.

Nem o estomago nos exigia e determinava outras trajectorias, porque a educação do espirito obedecia ao aforismo «nem só de pão vive o homem»; nem os musculos pediam exercicio e desgaste porque o organismo intertropical não tem em regra excesso de energia a queimar; nem as necessidades sociais compeliam a trabalhos musculares, porque do lar á gaunearia, do arro-

zal ao palmar, o sol vivificante e a chuva de negras nuvens emprenhavam a terra fertil, de abundantes colheitas.

As comunidades socialisando a terra, as classes organisadas pelo trabalho e fechadas em castas com selo religioso, e a educação do espirito nem descuido a realidades nem criando necessidades, eis porque o filho da India na India portugueza, não passou do que nós o vemos.

Eu disse, meus senhores, o filho da India na India portugueza, porque vós o sabeis que ele, fora dela afastou-se do tipo que descrevi. Afastou-se, porque deixou de ser influenciado pelos factores que nele pezavam aqui dentro. Tendo que se adoptar a novos habitos, que criar outras necessidades, que olhar para outros horizontes, desenvolveu outras energias, e ei-lo um autentico valor, quasi não trahindo a sua procedencia Eis porque eu encaro a emigração como um elemento do nosso progresso, uma necessidade para o nosso modo de ser, e é quem mais activa e eficazmente tem combatido os nossos preconceitos ancestrais, mais do que todas as declamações da imprensa e das perorações dos oradores dos comicios E' para mim esta a face mais simpatica da nossa emigração.

Quem nada quer, nada produz Um homem sem necessidades ou sem ambições é um valor nulo, é um cadaver Em Africa nas colonias francezas, inglezas, belgas e portuguezas, tributa-se a actividade com o pagamento do imposto em dinheiro, para que a necessidade de o pagar, desperte a necessidade do trabalho, e trabalho remunerado em moeda.

E V. Exas. não acham meus senhores, que é um crime, um homem deixar de trabalhar quanto pode, só porque não precisa desse trabalho para satisfazer ás suas necessidades? O trabalho adquiriu hoje um condicionamento não só ás necessidades individuais ou familiares, mas ás da colectividade. E esta não pode prescindir do concurso de uns poucos que não carecem de trabalhar, porque ha muitos que pedem abundancia, fartura, e concorrencia, para haver vulgarisação, facilidade e barateza.

Se tem limites a fecundidade da terra, se a circulação do capital obedece ás condições da sua oferta e procura, o trabalho é quasi uma fonte permanente de riqueza. Sem alfandegas nem barreiras, sem clima nem patria, sem raia nem periferia, a actividade humana tem no seu proprio exercicio a restauração das suas energias gastas e a sanção util dos seus efeitos.

Como um grande dinamo, a nossa actividade tem grande potencia e grande eficiencia. E assim como o engenheiro possuindo o segredo do seu engenho, disciplina com o jogo das valvulas, a potencia e a acção dos dinamos, temos nós que disciplinar com a educação a nossa actividade, para produzir efeitos uteis.

Nós damos provas duma actividade prodigiosa fora da nossa terra, e não a damos, aqui dentro? Enquanto lá fora, somos e temos sido gigantes, admirados e respeitados, cá dentro vivemos pigmeus de inteligencia, parasitas do Estado, somos agiotas, e exploradores gastando energias em mesquinhezas que não valem o tempo, que para elas se perde.

Lá fora o filho da India é agricultor, é comerciante, é industrial, é emprezario, é aventureiro. Mas cá dentro falecem-lhe todas essas aptidões. Vede-o em Africa onde foi o pioneiro da civilisação que o carinhoso Portugal lhe instilou; rompeu matas, rasgou vias para a luz. ainda numa epoca em que os oceanos eram mares tenebrosos. Vede-o em Bombaim, em Karachi, na India ingleza emfim, onde atinge as maiores culminancias Vede-o em Portugal onde hombreia com os homens mais cultos, apezar de provir de um meio inferiormente diferenciado. Quereis mais? E' procurado em Angola, apreciado na Guiné e a guerra que sofre na Africa oriental denuncia a influencia que ele exerce na politica e no comercio.(Vide em apendice algumas obras dos filhos de Goa, fora da sua terra natal.)

Calculem V. Ex.as, se ele saisse educado devidamente, qual seria o seu coeficiente util, sendo certo que a educação duplica o valor da actividade humana.

O nosso progresso em letras trouxe-nos mais uma ilusão. O vice-rei Dom Manuel do Portugal queixava-se

para Lisboa, de que o portuguez da India, quasi desconhecia a lingua nacional. Foi isso por 1830. A' moda da epoca deram-nos mais latim Biblia, retorica, filosofia. E criaram-se depois muitas escolas com Lopes de Lima, escolas promiscuas, complementares, elementares, sexuadas, hermafroditas, escolas de portuguez, de marata, de guzerate etc.

Com a relativa difusão das escolas primarias e paralela frequencia e exames, cresceu o numero dos que se chamam letrados. E como nos não lavamos ainda do atavismo da distribuição do trabalho por classes, os letrados divorciaram-se dos trabalhos agricolas, dos trabalhos manuais, ou dos trabalhos a jornal, provocando um deficit de actividades para os trabalhos do campo e da industria manual.

E o peor foi que, os que fizeram a instrução primaria, apertados entre o não poderem ir ao trabalho manual e não serem letrados de conhecimentos reais, abriram uma crise intelectual muito mais perigosa que a do analfabetismo, para a nossa India. Actividades errantes, sem orientação nem finalidade, para se fixar em qualquer especie de trabalho e ás vezes mesmo em qualquer trabalho, umas estacionaram, outras tiveram que ir matricular-se nos cursos imediatos. Para estes, a crise foi-se agravando, porque ao lado dos recursos financeiros que esses cursos exigem, vai-se fazendo a selecção dos mais aptos, diminuindo áqueles a possibilidade de triunfos na luta da vida.

Para se apreciar bem a gravidade da crise vou fazer falar os numeros medios obtidos em um periodo de 5 anos. Eu bem sei que os numeros são abstratos, referem-se aos anos e não aos cursos escolares. Eu bem sei que para se falar com segurança, era necessario que seguisse os cursos escolares de cada ano pelo seu rendimento, e numa sucessividade para cada estudante e para cada curso, iniciando-o em um ano determinado. Esse trabalho demandaria muito mais esclarecimentos que não são publicos.

Calculando-se em 8 mil o numero de matriculados no 1.° grau de portuguez da instrução primaria, encon-

tram-se uns 1.200 matriculados no 2.º grau. Destes ficaram aprovados em media 500. Dos 500 individuos que concluem a instrução primaria, encontram-se uns 300 nas 1.as classes dos Liceus Municipais e central, devendo haver outros 100 espalhados, pelo Seminario, Escola Normal, Instituto Comercial, etc.

E finalmente dos 300 que entram nos Liceus, são perto de 46 os que concluem o curso geral.

Dos 8 mil matriculados no 1.º grau, encontramos 1.200 no 2.º grau. São esses individuos que pela certa se divorciam do trabalho manual. Se a estes juntarmos os deficits entre os que se matriculam nos cursos imediatos, até o limite 46 que é o numero dos que em media concluem o curso secundario em cada ano, eu tenho aproximadamente o grau dos divorciados do trabalho manual, pelo facto do letrismo mal compreendido.

Eis os numeros: (1200—500) mais (500—300) mais (300—46)=700 mais 200 mais 254=1.154.

Encontramos pois 1.154 individuos em cada ano na melhor das hipoteses, porque dos 8.000 matriculados do 1.º grau, eu considerei como divorciados do trabalho manual, apenas os que se matricularam no 2.º grau Ha porem quem me afirme que esse numero é muito pequeno e que será ainda pouco fixar o numero 2 000, reservando-se uma grande parte para os que vão constituir a classe de emigrantes.

O problema da educação consiste em acudir a essa crise de perto de 2.000 individuos que pararam por não terem meios para seguir os cursos, ou que tiveram que os abandonar por falta de aptidões, e que são os que nada sabendo fazer, nada podem ganhar.

Os derivativos que vejo desenhados são as escolas inglezas, onde desde ha uma dezena de anos. alem dos estudos proprios dos cursos de inglez, ha em algumas o curso do ensino primario do 1.º grau.

Em 1910, só nos colegios de ensino de ingles do concelho de Bardez, encontro um numero de matriculados 1.178, e no ano de 1915, esse numero sobe a 1.733.

Os colegios de ensino de inglez são em parte uns pequenos derivativos por onde seguem os remediados

de fortuna, que não tendo escoras, nem na riqueza territorial ou de capitaes, nem nos protectores, procuram escorar-se na sua propria força. E eu julgo apreciavel esse serviço, apezar de todas as facilidades que porventura resultem para a desnacionalisação, porque criame afirmam a personalidade e robustecem moralmente os individuos.

Regula por 60 mil o numero de individuos que emigram, o que em percentagem quer dizer, quasi 9°/₀ da população. Estabelecendo-se a mesma base, se deduzirmos dos 2.000 divorciados que encontramos, não 180 mas 200, como para a emigração, teremos 1.800

Quadro n.º 1

NOTA NUMERICA

de individuos que entraram nos diversos cursos abaixo designados

	Instrução Primaria			Liceus	Ensino livre C. A. José	I. Com.	E. N.	Seminario
	matric. 1.º grau	ensino livre	Apr. 2.º gr.	1.ª classe		1.º ano	1.º ano	1.º ano Latim
1911-12	(1)	37	(1)	(1)	(1)	(2)	21	56
1912-13	5.679	54	449	200	(1)	(2)	42	50
1913-14	7.026	81	393	215	2	(2)	53	45
1914-15	7.782	54	501	357	(1)	(2)	75	57
1915-16	7.515	28	588	329	15	(2)	42	47
1916-17	8.225	21	507	320	11	(2)	23	58
1917-18	8 354	(1)	472	256	25	310	19	29
1918-19	7.682	23	(1)	267	13	138	15	(1)
1919-20	(1)	(1)	(1)	262	15	70	3	36
1920-21	7.967	41	490	225	12	103	28	42
1921-22	(1)	29	(1)	225	15	155	18	54
1922-23	(1)	29	(1)	246	19	128	20	50
1923 24	(1)			265	19	102	20	62
1924-25	(1)			168	17	85	28	(1)

(1) Não encontrei numeros referentes, e em algumas estatisticas não havia numeros completos.

(2) Não existia, pois foi criado pelo Decreto n.º 2845 de 29 de Novembro de 1916, e regulamentado pela P. P. n.º 247 de 26 de Maio de 1917.

candidatos a qualquer ganhapão no Estado da India.

Dentre os lugares, quem nos tem em maior numero e os que são mais procurados, são os do Estado. Segundo umas notas que obtive do orçamento de 1920-21, o numero de empregos publicos pode ser computado em 1.247. E como o numero de vagas pode ser regulado, em media, em 25°|₀ isto é, que as vagas se reproduzem ou se dão num periodo de 25 anos, o numero de empregos pode ser fixado em 312 para os 1.800 candidatos, isto é, na proporção de 6 para um, sem contarmos com a concorrencia dos perto de 105 que vêem aparelhados com as habilitações da 1.ª secção dos Liceus, que reputo a minima, a da Escola Normal que é exclusiva para mui-

Quadro n.º 2

NOTA NUMERICA

de individuos que concluiram os diversos cursos abaixo designados

Anos lectivos	Ensino primá. 2.º grau	Liceu 5.ª classe	Ensino normal 3.ª clas.	Instituto comercial 2.ª a.	Seminario Teologia 4.º ano	Medicina 5.º ano	Farmacia 3.º ano
1911-12	(1)	18	8	(2)	27	8	2
1912-13	449	32	9	—	20	9	5
1913-14	393	31	8	—	23	6	1
1914-15	501	31	19	—	18	13	2
1915-16	588	29	17	—	21	6	1
1916-17	507	16	15	—	16	9	1
1917-18	472	53	20	—	(1)	10	1
1918-19	(1)	27	—	11	(1)	6	1
1919-20	(1)	78	4	19	18	6	1
1920-21	490	54	3	8	11	6	2
1921-22	(1)	38	16	4	(1)	22	1
1922-23	(1)	118	15	10	19	5	3
1923-24	(1)	65	4	8		9	-

(1) Não encontrei numeros referentes e em algumas estatisticas não havia numeros completos.

(2) Principiou a funcionar no ano lec. de 1917-18. São os Diplomados.

os empregos, e a do Instituto Comercial que já não tem finalidade determinada, depois que lhe foram tiradas algumas regalias que haviam sido concedidas aos seus diplomados, na burocracia.

Nos estabelecimentos de ensino de portuguez a educação se torna pouco pratica, formando individuos que no fim do curso sentem as deficiencias da sua preparação. Faz-se a instrução primaria, obtém-se até uma distinção, e anos volvidos, esse individuo dificilmente escreve o seu nome. Pode provar unicamente a sua candidatura para eleitor, e os senhores podem calcular a sua força moral.

Fazem-se cursos liceais, 1.ª secção e 2.ª secção, e no fim, o estudante pouco vê ou sabe vêr do que lhe vae em volta, porque a nada se habituou. E se lhe não arranjam um emprego, é uma actividade esterilisada.

Reparai ainda, meus senhores, que nem a propria instrução primaria de portuguez, temo-la bastante aproveitada, pois duma estatistica organisada pelo inspector primario sr. Manuel Antunes Amor apensa ao seu relatório do ano de 1916-17, eu encontro, no recenseamento escolar desse ano, o seguinte:

Recenseaveis para a instrução primaria: 56.881.

Matriculados nessa instrução (port., marata e guzrate) 10.484.

Isto é uma percentagem apenas de 18, 4°|₀ de indiduos que, estando em edade escolar matricularam-se na instrução primaria; ou por outra, ha em 100 crianças, 81 que não frequentam a escola. E havia apenas 100 escolas de ensino livre.

Para se apreciar como nos preocupamos com as pessoas, e descuramos das cousas, ou da efectivação das realidades, vou pôr á vista o seguinte confronto entre as despezas com o pessoal dos estabelecimentos de ensino, e o material didactico (1).

(1) Notas obtidas de orçamento do ano de 1920 21. Em 1923 tendo aparecido publicado um Projecto de Diploma Legislativo no Boletim Oficial n.º 90, o conferente reproduziu esses numeros na critica e sugestões que fez a esse Projecto no diario *O Heraldo*, nas suas edições dos numeros 6417, 6421, 6425, 6428, 6431, 6437, 6452

Na Escola Medica, para 3.545 esc. para pessoal, a subvenção para material é de 187$, isto é de 5°/₀ da despeza do pessoal.

No Liceu Central, para 30.313 esc. para pessoal, ha 290$ para material de ensino, isto é 0,9°/₀.

Nos Liceus municipais, para 3.952 esc para pessoal, ha 80 esc. para material, isto é 2°/₀.

Na Escola Nacional do sexo feminino, para 2.040 esc. para pessoal, ha 360$, isto é 17°/₀.

Na Escola Normal para 2.694 esc. para pessoal, ha 300 esc. para material didactico.

Na propria Biblioteca Nacional, para 1.108 esc para pessoal, ha apenas 660 esc. que se destinam para a compra de livros e assinatura de jornais e revistas.

Depois disso, não será logico, que nós andemos pelos dominios do especulativo, afastando-nos de noções positivas e concretas que nos dão as coisas, o material de ensino, os aparelhos, as maquinas, os trabalhos laboratoriais, as exposições em museus, etc?

Mas ha mais e de mais graves efeitos morais. A falta de conhecimentos adquiridos ou a sua inconsistencia, não deixa formar a verdadeira consciencia do estudante, e eis que principia a necessidade de encosto na vida. E o estudante habituado ao encosto, deseja-o para

e 6453 desse mesmo ano, para provar a necessidade de providenciar sobre essa e outras deficiencias do nosso ensino publico. Varias dessas sugestões feitas foram atendidas na aprovação do Projecto, que foi o Diploma Legislativo n.° 87 de 19 de maio de 1924.

A questão de material e necessidade de instalações praticas foi atendida para o ensino secundario pelo Diploma Legislativo n.° 86 de 15 de maio 1924, que é um belo documento da modificação de ideas sobre a orientação do ensino.

Sobre o ensino normal que ao director do Instituto Comercial se afigurara do grau de ensino primario, entendendo por isso que o director da Escola Normal ficava em categoria, inferior ao do Instituto Comercial, veio, aproposito dum assunto conexo, resolvido, do Ministerio das Colonias por Oficio n.° 131 de 30 de Outubro de 1924, ao Governador Geral da India, dizendo que a Escola Normal de Nova Gôa era denominada primaria só porque habilitava para professores primarios, e porque havia outra, a Escola Normal Superior que habilitava para professores de ensino secundario, devendo por isso aquele ensino ser considerado especial do magisterio primario.

tudo. As formas mais vulgares são o explicador que já se procura até na instrução primaria, e a carta de empenho, ou os pedidos que tanto abundam.

Dizei-me meus senhores, como esses futuros cidadãos habituados ao encosto, como plantas trepadoras, poderão um dia ter a consistencia necessaria, aquela que, como o tecido lenhoso nas plantas, constitue o elemento da nossa personalidade?

Por toda a parte se queixa da decadencia do trabalhador em geral, quer funcionario ou não (1). Por toda a parte se queixa da crise de caracter, porque a rigidez a perseverança, a tenacidade, que resultam da consciencia da aptidão para o trabalho, e portanto da independencia e do caracter, vae escasseando.

Se nos julgamos habilitados para as funções superiores da sociedade, se desejamos que as nossas aspirações não sejam utopias ou não nos criem ilusões, há ainda bastante caminho a vencer.

Carecemos de alargar a nossa acção de civilisados, e a nossa classe de homens de letras, mas com homens que realmente o sejam.

Os 25°/₀ de individuos que sabem lêr e escrever portuguez ou marata ou guzerate, utilisamo-los hoje unicamente para fins eleitoraes. Porque, do contrario não medraria o agiota, o vigarista, e esse industrial de acrescimos prediais nas Novas Conquistas.

Se os governos dão força aos nucleos populacionais, é porém a estes que cumpre o seu desenvolvimento, fortificando-se nos laços das industrias, robustecendo-se no superavit das suas producções.

Vêde com entre nós a actividade extra oficial fenece e estiola; vêde como entre nós o ensino livre foi decahindo successivamente até ser quasi nulo agora, e limitado, quanto ao ensino secundario, ás explicações que

(1) Em uma *Representação* que em nome dos interesses da India portugueza foi dirigida ao sr. Presidente da Republica e ao sr. Ministro das Colonias, em 1922, lê-se a seguinte conclusão:

1.° Suprimir em cada repartição publica pelo menos 20°/₀ dos seus empregados publicos, pois em quasi todas elas o pessoal abunda em relação ás necessidades do serviço, complicando-o sem vantagem justificavel».

Quadro n.º 3

NOTA NUMERICA

dos matriculados nas diversas escolas inglezas de Gôa

Anos	Total dos matriculados	Colegio de S. José (Arpora)	St. Mary's Girl School (Salligão)	Mater Dei Institution (Salligão)	St. Mary's School (Tivim)	Colegio de Sto. Antonio (Guirim)	Escola S. Francisco Xavier (Assagão)	Colegio do S. Coração de Jesus (Parrá)	O Progresso (Mapuçá)	Anglo-concanim School (Mapuçá)	Colegio de A. José d'Almeida (Pondá)	West of India P. R. (Vasco da Gama)	Simões University College (Vasco da Gama)	Anglo-portuguêze Institute (Vasco da Gama)	Union High School (Margão)	St. Josef's School (Canaulim)
1910	*1507*	672	63	137	108	159				49		143	176			
1911	*1644*	688	74	117	121	168				64	86	149	177			
1912	*1908*	568	95	101	124	210		271		57	115	152	192			
1913	*1997*	512	89	117	129	211		412		56	127	136	169			
1914	*2043*	600	67	160	145	183		408		47	118	119	166			
1915	*2138*	623	68	194	157	186		344		63	104	99	168			
1916	*2095*	576	84	143	157	98		407		55	67	73	165			
1917	*1808*	534	69	65	119	142		326	30	48	34	52	135			
1918	*1269*	205	64	106	28	141		118	80	25	(4)	51	122			
1919	*1309*	285	69	128	34	85	10	109	88	41	8	34	97			
1920	*1463*	274	90	222	40	83	8	148	70	36	22	30	91	125	243	
1921	*1507*	357	97	248	44	90	(3)	141	(3)	29	15	42	70	123	216	
1922	*1580*	413	104	262	46	137		185		18	17	43	49	97	147	39
1923[1]	*2104*[a]	430	99	300	51	136		230		16	(4)	47	43	89	192	30
1924	*1957*	323	104	316	47	91		160		7	19	47	36	(3)	174	32
															215	37
															210	38
															176	37
															227	36
																30
																32
																19
																20
																24

(1) Alem desses Colegios que tem muitos anos de duração, funcionam no concelho de Bardez, segundo os esclarecimentos amavel e prontamente fornecidos pelo seu ilustre administrador sr. P. J. Gomes, mais as seguintes escolas, desdé 1923, cuja frequencia nos anos de 1923 e 1924, é a seguinte, respectivamente: St. Aloysiú's School, em Mapuçá 133 e 152; outra escolá livre em Mapuçá 72 e 75; outra em Mapuçá 17 e 24; outra em Mapuçá 22; outra em Siolim 52 e 49; outra em Siolim 30 e 36, outra em Aldonã 68 e 90, outra em Aldonã 25 e 30; outra em Sangoldá 30 e 78.

(2) Incluida a frequencia das escolas supra relacionadas em nota por causa da organisação em uma só pagina.

(3) Já não funcionam.

(4) Por falta de professor ficaram as aulas fechadas.

(5) Não se conseguiu encontrar a frequencia anterior.

são um curso liceal ampliado; vêde com entre nós as, autonomias e as descentralisações que traduzem sinal de vida, de energia propria, de consciencia civica, criam ilusões; vêde como desapareceu essa casta de especialistas que dentro dos cursos humanistas existia, e como hoje se está criando a dispersão do espirito, a imprecisão, que, devendo logicamente terminar em tecnicidade ou especialisação, nós não a temos.

Vêde como se concedem autonomias financeiras por um lado e por outro se tiram as faculdades de despezas, como ás crianças chorosas, a quem em uma mão se entregam os bolos, para da outra tirar o que não desejamos em seu poder.

Perante uma constituição social assim, não se admire que o filho da India se atire á caça do emprego publico (1). Pobre em geral, sem educação para o trabalho que não recebeu nas escolas, com o atavismo etnico a criar abismos entre o trabalho manual e o intelectual, e, deixem-me dizer tambem, a brandura dos costumes e a criação de clientelas eleitoraes em troca do em-

(1) Lia-se tambem na citada *Representação* As medidas indicadas alem de desafogar a situação financeira e proporcionar meios para promover o desenvolvimento da nossa agricultura, industria e comercio concorreram tambem para que não haja, como ao presente, porfiado empenho em ser empregado publico, situação que desperta cupida ambição em vista do insignificante esforço e energia que demanda, o que não sucede nas profissões e carreiras livres».

Quadro n.º 4

NOTA NUMERICA

dos matriculados na primeira classe das diversas escolas inglezas, de Gôa

Anos	Total dos matriculados	Colegio de S. José (Arporá)	St. Mary's Girl School (Saligão)	Mater Dei Institution (Saligão)	St. Mary's School (Tivim)	Colegio de Sto. Antonio (Guirim)	Escola S. Francisco Xavier (Assagão)	Colegio do S. Coração de Jesus (Parrá)	O Progresso (Mapuçá)	Anglo-concanim School (Mapuçá)	Colegio de A. José d'Almeida (Pondá)	West of India P. R. (Vasco da Gama)	Simões University College (Vasco da Gama)	Anglo-portugueze Institute (Vasco da Gama)	Union High School (Margão)	St. Josef's School (Cansaulim)
1910	*409*	138	29	52	33	45		—			—	53	59	—		
1911	*414*	133	26	42	40	37		—			35	39	62	—		
1912	*517*	102	33	32	36	48		132			40	36	58	—		
1913	*547*	83	23	45	40	59		170			43	25	49	—		10
1914	*487*	77	11	42	54	47		155			30	26	36	—		9
1915	*484*	90	23	55	46	41		130			30	14	46	—	(5)	6
1916	*463*	109	22	42	38	—		140			25	—	32	—	43	12
1917	*362*	88	21	8	27	33		75			18	1	28	—	55	8
1918	*254*	36	24	14	3	30		10	15		(4)	—	25	18	54	5
1919	*241*	49	22	21	3	—	3	10	24		6	—	18	14	62	11
1920	*301*	54	20	52	16	—		30	1		15	—	17	18	61	7
1921	*262*	58	25	43	10	—		22	(3)		8	—	14	16	58	8
1922	*302*	66	24	43	6	23		51			10	—	9	12	55	3
1923(1)	*444* 2	78	28	42	13	38		55			—	—	10	13	43	4
1924	*312*	26	29	40	15	17		15			15	5	5		27	9

(1) Alem desses Colegios que tem muitos anos de duração, funcionam no concelho de Bardez, segundo os esclarecimentos atraz referidos, mais as seguintes escolas, desdé 1923, cuja frequencia nos anos de 1923 e 1924, é a seguinte, respectivamente: St. Aloysiu's School, em Mapuçá 31 e 21; outra escola livre em Mapuçá 18 e 7; outra em Mapuçá 8 e 8; outra em Mapuçá 10; outra em Siolim 12 e 5; outra em Siolim 15 e 20; outra em Aldonã 17 e 20, outra em Aldonã 5 e 5; outra em Sangoldá 6 e 23.

(2) Incluida a frequencia das escolas supra relacionadas em nota, por causa da organisação em uma só pagina.

(3) Já não funcionam.

(4) Por falta de professor ficaram as aulas fechadas.

(5) Não se conseguiu encontrar a frequencia anterior.

prego publico, tudo concorreu para chegarmos a situação decadente da vida social, em que estamos.

Fartamo-nos de reclamar que a nossa civilisação atingiu um alto grau de desenvolvimento. Enche-se a nossa vaidade do grande renome que os nossos compatricios conquistam lá fora, em certames os mais debatidos. Mas, por outro lado, centenas de chefes de familia choram, porque tendo dado alguma instrução, porque a encontravam perto, nem dela podem tirar resultado, porque a isso se não presta, nem podem completa-la porque lhes escasseam recursos.

Eis porque eu repito, o que já disse em outra parte. Em terra pequena e pobre como esta, o problema do seu bem estar é um problema educativo; e como solução será a educação tecnica, que valorise as inumeras actividades que ás escolas, para felicidade nossa, afluem.

Já em 1885, o secretario geral que foi deste Estado, J. M. Teixeira Guimarães, no seu excelente livro «Comunidades indianas», punha como tres, os problemas da India: «reorganisação do sistema financeiro e fiscal, a reorganisação das comunidades, o o problema da instrução tornando-a pratica, em vez de ser como actualmente um simulacro que alimenta vãs e infundadas esperanças, que gera o parasitismo oficial, e desvia da aplicação ás artes».

E, como se viu o problema da instrução é ainda o mesmo.

Não ha muito, o paiz todo se interessou nesse problema, quando o sr. Governador Geral Dr. Jaime de Morais formulava com a colaboração de todos os filhos da India a sua «Reforma de educação e ensino». Tratava-se de reformar a educação da actividade, metê-la no cadinho de novos moldes, tratava-se de concretisar o ensino. E enquanto, essa ou qualquer outra, não apareça, que mais que do ensino trate da educação, que faça do filho da India, na India portuguesa, um homem apto para o trabalho util, e não um respeitavel armario de livros ou uma pilha de documentos em exhibição, nós seremos o que somos, excelentes discursadores e grandes patriotas da forma como nós o concebemos, mas detestaveis homens de acção, de disciplina e de trabalho.

Senhor presidente e meus senhores

Vou recapitular. Já vae longa a palestra e eu não desejo maçar-vos mais.

A nossa terra, pequena em extensão, avultando no regime de pequena propriedade, só nos poderá dar pela intensidade de culturas, o que deve. E para a efectivar, temos de modificar a nossa educação que, sendo dispersiva e difusa, é ainda hoje bastante humanista, carecendo portanto de ser com base na sciencia: pratica, convergente e especialisada.

O capital monetario que na India portugueza ou nas mãos dos indo-portuguezes se coalha, é incapaz de se valorisar em obras de fomento, quer por causa da sua timidez para aventuras, quer porque o regime de mais facil aplicação, seria o da grande propriedade ou de grandes emprezas.

Para emprego de pequenos e timidos capitaes, será o regime de pequenas industrias que poderão ser obtidas e fomentadas pela educação tecnica especial

Sendo certo que o trabalho, na sua variedade agricola e industrial ou comercial, ou o trabalho de braço nas suas diversas especies, está cada vez rareando, mostrando infelizmente ter relação com o crescimento da frequencia escolar, ha um caminho que naturalmente flue, indicado pelo estudo do nosso problema social: é o aproveitamento da actividade que felizmente aflue ás escolas, educando-a para produzir utilidades. Educar-lhes os olhos, os ouvidos, as mãos para trabalhos, inspirando-lhes o gosto artistico que alenta o espirito promove a disciplina e fomenta a actividade.

E como elementos para essa preparação tecnica a cultura da observação, a pratica em instrumentos, a destreza manual obtida em trabalhos feitos nas escolas, o treino dos trabalhos agricolas e industriais feito na vida escolar, e finalmente o manejo de instrumentos para se educar na precisão e na arte.

Menos professores, mas mais laboratorios e museus; menos livros, mas mais aparelhos e material de ensino; menos lições e prelecções, mas mais experiencias e trabalhos; menos declamações, mas mais arte e precisão, mais gosto e beleza, mais afectividade e sentimento.

E se a educação da nossa actividade obedecer ao regime do positivo e da finalidade, formar-se-ha essa consciencia cenestesica do valor proprio que se traduzirá por um caracter robusto, que é essa força intima que dignifica, que avulta e que separa o homem racional, da racionalidade humana.

E finalmente a educação tecnica preparará o nosso emigrante, cuja influencia nos destinos e vida da India portugueza é, alem do mais, qualquer coisa pesada, como essa cifra, calculada de perto de 1 milhão e 500 rupias anuais, entradas pelos vales especiais, para a economia do nosso paiz.

Eu vejo na educação para o trabalho acontecer-nos o mesmo que na educação moral. O atavismo pesa para não abracarmos o trabalho manual; e a educação não nos tem dado outra forma de o criar. A evolução que se chama avançada da sociedade tirou nos a moral religiosa, mas não nola deu outra accessivel. A crise que

vemos do proletariado intelectual é semelhante àquela da amoralidade em que temos que viver.

E a amoralidade, vós o deveis compreender, é um estado de cultura superior do espirito, robustecido pela concepção da verdadeira moral.

Não adquiriu ainda o homem consistencia bastante que para tomar a iniciativa do trabalho de que precisa, quer para escolher a moral que tem de observar, ou dentro da qual tem de se determinar. A crise do letrismo assemelha-se nas suas consequencias á crise moral, ambas provocando a errancia e a dispersão, ambas tirando-nos as carateristicas proprias da racionalidade e do sentimento.

Senhor presidente e meus senhores

Não vos disse coisas novas, mas trouxe o meu concurso de experiencias feito, para vos afirmar que a educação tecnica é a que nos salvará do descalabro que vejo eminente, e dia a dia agravado.

Não calculais a alegria que me enche o espirito quando vejo algumas oficinas de trabalho, espalhadas por esses concelhos fora, em Pondá, Sanquelim, Pernem, engenhos onde mãos abençoadas movem rodas e aparelham maquinas, para, num impulso de independencia e de verdadeiro patriotismo nos darem a todos a boa nova dum produto da industria local.

E quanto sacrificio de tempo e de dinheiro para nos aprendizes se fazer a iniciação da educação, tempo e dinheiro que seria poupado, se nas nossas escolas o trabalho manual fosse uma obrigação, se tivessemos conseguido apagar essa sedimentação que nos ficou da baixeza do trabalho manual, ou se tivessemos escolas de educação tecnica!

Eu vejo com satisfação, já a iniciação do ensino dos trabalhos manuais educativos na Escola Normal desde 1921, pela P. P. n.º 128 de 17 de Fevereiro desse ano, (Bol. n.º 15) e em algumas escolas primarias. Devem existir nos Liceus no novo regime de ensino.

Eu vejo com satisfação nucleos como o *Gremio Literario Hindu* e outros, espalhados pelo paiz, exuberancias da vida livre e de iniciativa perseverante, a concorrer com o seu contingente pelo bem estar desta terra. Vejo algumas bibliotecas e escolas de ensino livre, mantidas pela iniciativa dalguns benemeritos, a preparar o espirito da geração futura na nova cruzada da vida livre, da iniciativa extraoficial, da liberdade da acção (1).

A nós outros, velhos, já não será facil mudar o substrato classicista de que viemos impregnados, mas sobra-nos experiencia para apontar aos novos o rumo a tomar.

E é a vós geração futura, esperança do meu paiz que em tão grande afluencia me veio dar o prazer de serem ouvintes, é a vós que me dirijo.

Sabeis o velho aforismo que diz, que os povos têm o governo que merecem, e o nosso destino social será aquele que nós prepararmos com o nosso esforço. E' a vós que pertencerá o bom ou mau successo da nossa situação, politica, moral, economica e financeira.

A nossa principal educação tem de fazer-se para o trabalho e pelo trabalho. Será o trabalho que nos robustecerá o corpo em geral fraco, e quem nos dará solidez fisica e moral (2) A educação para o trabalho nos

---

(1) Vide adian e a nota dalgumas *Instituições de educação e ensino*, de iniciativa particular, existentes no Estado da India.

(2) O director interino da Escola Normal, de Nova Gôa sr. Dr. Diogo do Carmo Reis, no intuito de fundar uma *Associação dos Amigos das crianças*, dirigiu em Dezembro 1923 a vários chefes de famílias, o seguinte oficio, que merece arquivo, como uma excelente iniciativa:

«Das medições antropometricas realisadas nesta Escola, reconhece-se mais uma vez a decadencia da raça indo-portugueza. A juntar a um clima deprimente, ha uma pessima alimentação que não fornece aos organismos a fortaleza necessária para que se possa arcar com a labuta de cada dia.

E' á escola que compete realisar um esforço, para que se torne um facto o levantamento da raça.

Lembrou-se a Direcção desta Escola de, a exemplo do que se faz em todas as nações civilisadas, organisar uma *Cantina escolar*

dará a consciencia da possibilidade das condições de vida em qualquer situação, e mesmo contra quaisquer agentes que nos venham perturbar; e essa consciencia é condição da independencia e do caracter.

Encontrareis dificuldades, barreiras, odios invejas Topareis com intrigantes, com maldizentes, com despotas. Pelos caminhos e estradas, ha tambem espinhos e pedras de arestas cortantes. Não vos sossobreis. O merito do triunfo está na persistencia. A alegria da vitoria está condicionada á sua dificuldade. São as dores de mãe que criam o maior amor, que é o amor maternal.

A nossa personalidade, o nosso caracter, é como essa substancia lenhosa das arvores que se robustece com os vendavais do tempo. Quando forte e rija, não ha golpe de machado que a fira ou vença. A construção da nossa personalidade hade fazer-se com o trabalho independente. A persistencia é como esse cimento uniente que liga, aperta e consolida. A independencia é como uma manifestação dessa solidez interior.

Mas, independencia não quer dizer egoismo, misantropia, isolamento. A independencia com fins altruistas, determina federalismo, e a federação é uma associação de esforços e de iniciativas para grandes emprezas.

Corpo Academico que aqui vejo aglomerado!

Vós sois os engenheiros e os operarios do futuro. As lições dos vossos mestres são as sementeiras que os vossos espiritos tem de recolher e frutificar. Não há solo mais bemdito que a mentalidade juvenil. Não ha

---

que possa fornecer aos alunos pobres uma refeição, no intervalo das aulas.

Mas para a realisação dessa idea bem como para a de outras, não tem a Escola numerário suficiente, visto a dotação orçamental ser absorvida pela aquisição do material e mobiliário.

Nestas condições, a Direcção lembrou-se de lançar a idea da *Associação dos Amigos das crianças*, em que cada sócio contribuiria com uma cota mensal á sua vontade, devendo o seu fundo ser aplicado a melhorar as condições dos alunos desta Escola».

orvalho tão benefico, como as lagrimas choradas a proposito duma repressão salutar.

Educação tecnica é a educação para o trabalho; é a preparação para a independencia, é a formação do caracter e da autonomia propria.

E a vós, senhor Presidente, o coronel chefe do Estado Maior, Artur Marques Sequeira, que com um carinho proprio dos homens da idea nova, veio, com sacrificio dos seus numerosos afazeres, dar-nos brilho e honra para essa palestra de professores e alunos; em vós saúdo a Patria Portugueza e saúdo-a com mais entusiasmo e fé, porque foi V. Exa. quem nos campos das ultimas batalhas em França, a honrou e a defendeu, como dos mais bravos soldados.

Saúdo aqui o mais alto representante da Republica portuguesa no Estado da India, o governador geral sr. Dr. Jaime de Morais a quem tanto interessam os problemas da educação e ensino, e de cujas invulgares faculdades de inteligencia e de trabalho, tem este paiz direito a esperar muitos beneficios, sob este ponto de vista

Saúdo os mestres da geração nova, os educadores que na labuta quotidiana de estudar para saber, e estudar para transmitir, consomem a sua vida na espetança de que esta terra, patria de quasi todos nós, se levante tão cheia de força e de vida, como o merece.

E saúdo finalmente tantos outros cavalheiros distintos, chefes de familia, que deram prova do seu interesse pelos assuntos de educação, vindo ouvir esta palestra educativa.

E para concluir, agradeço a ilustre Comissão do *Gremio Literario Hindu* o ensejo que me proporcionou, de expandir as ideas que ouviram. Que elas se espalhem, aqueçam os corações juvenis e fecundem, são os meus votos.

E tenho dito.

TRABALHOS DE IDEAS RELACIONAES

NA

SOCIEDADE DE ESTUDOS PEDAGOGICOS

DE LISBOA

publicados pelo *Diario de Noticias*

Conferencia do sr. dr. Benedito Gomes

(sessão de 31 de Maio de 1910)

O presidente, sr. Dr. Almeida Lima deu a palavra ao conferente inscrito sr. dr. Benedito Gomes sob o têma: «Ensino colonial» têma que foi largamente desenvolvido, apontando os vicios de que enferma o sistema de ensino adoptado, e alvitrando remedios que, a seu ver, poderão corrigi-lo.

A escola que se vê hoje, diz o conferente, satisfazia a sociedade de ha 50 anos atraz, em que os literatos eram poucos e trabalhadores muitos. Ha defeitos no ensino que são comuns ao continente e ás provincias ultramarinas, ha outros que são peculiares a estas. Passa a mencionar varios, como a falta da regionalização dos conhecimentos que traria a objectivação, a falta do estimulo ao construtivismo, preparando-se quasi a geração, a viver de «padrinhos», sufocando a personalidade e o amor ao trabalho honesto e frutuoso, como o mais justo titulo de gloria para um cidadão, a depreciação do trabalho manual tido como mister pouco honroso e que se torna mais dura nas colonias, onde os misteirais se recrutam em classes, etc. etc.

Como vicios peculiares ás colonias, e que um sistema de assimilação intempestiva tem avultado, cita o pro-

blema do ensino da lingua pela propria lingua, o que no meio colonial, com linguas vernaculas proprias é um contrasenso pedagogico; diz que disso resultam consequencias desastrosas para as crianças que fogem de falar e de se expandir, conscientes da sua má expressão; refere-se a livros formulados fora da colonia e que concorrem, ou para a subjectivação do ensino ou para um esgoto improdutivo de energias mentais, etc.,

Passando a tratar da acção do Estado no ensino colonial, diz que ela se tem manifestado, ora directamente pela criação e manutenção das escolas, ora pelos subsidios ás missões. Dentre as colonias, só a India e Cabo Verde não teem o ensino missionario. Diz que o ensino missionario tem dado bons resultados e que convém mantê-lo, porque o missionario nas sociedades de reduzida cultura mental, é um belo instrumento da penetração e civilisação. Passando ás despesas, lê numeros, indicando-as. Assim, em subsidio ás missões, o Estado gasta em Angola 61 contos, em Moçambique 41, em S. Tomé 11, em Macao e Timor 8, na Guiné 3, o que dá um total de 130 contos por ano.

No ensino laico o Estado gasta, em Angola 99 contos, Moçambique 78, India 57, Cabo Verde 22, S. Tomé 21, Timor 15, Macau 11, e Guiné 7.

Comparando as despesas com o ensino, em relação ás despesas gerais de cada colonia, diz que onde mais se gasta é em Timor, seguindo Cabo Verde, India, S. Tomé, Angola, Guiné, Macau e Moçambique.

Entre outros calculos lê, mais a seguinte nota interessante da capitação do imposto e a troca do beneficio pelo ensino, para cada colonia. Assim diz que o habitante de S. Thomé pagando 24407 réis, recebe pelo ensino 775 réis, isto é, 3,1°/₀ do que paga; o de Macau paga 13941 réis e recebe 249, isto é, 1,9°/₀; o de Cabo Verde paga 3216 réis e recebe 149, isto é, 4,6°/₀; o da India paga 2621 réis e recebe 107, isto é, 4°/₀; o de Timor paga 1258 e recebe 77, isto é, 6°/₀; o da Guiné paga 3501 e recebe 56, isto é, 1,6°/₀; o de Moçambique paga 1883 e recebe 38, isto é, 2°/₀; e o de Angola paga 1.217 e recebe 37, isto é, 2,9°/₀.

O ilustre conferente passa depois em revista os estabelecimentos de ensino existentes nas colonias, e sugere que os seminarios-liceus, de Cabo Verde e de Angola devem passar a ser Liceus, deixando a educação seminarial livre e despeada para os eclesiasticos; que a India no numero de escolas primarias, fixas e mobilizaveis que já tem com o governo republicano, está rasoavel, no entanto, e só carece de que se lhes modifiquem os programas e o sistema da sua administração, e de que se lhes dê exemplares á vista, de estações experimentais de agricultura e noções praticas das pequenas industrias, etc.

Depois de fazer ainda algumas considerações sobre o ensino em algumas colonias inglesas, conclue por dizer que a Sociedade dos Estudos Pedagogicos deve tomar a iniciativa da renovação do ensino nacional, tornando-o utilitario e produtivo, tal qual o homem actual deve possuir, e sob o ponto de vista geral.

O sr. Dr. *Almeida Lima*, respondendo á interessante conferencia, diz que é realmente de grande importancia o assunto versado, e que diz respeito ao patrimonio colonial, que é o nosso melhor titulo de gloria e de prestigio, e que a Sociedade prestará decerto a melhor atenção, pedindo ao ilustre conferente para formular conclusões para serem discutidas e aprovadas em nova sessão da assembleia.

O importante trabalho será publicado na «Revista da Educação».

(Diario de Noticias de 3 de Junho de 1916)

Sessão de 2 de Maio (relato oficial)

Entra-se em seguida na ordem da noite, fazendo o sr. dr. Benedito Gomes a sua comunicação sobre as bases do ensino colonial.

Agradece a distinção do convite que a Sociedade lhe dirigiu e diz que, como filho das colonias, aprecia o interesse que merece esta causa, fazendo votos por que tão benemeritos esforços sejam coroados do melhor e-

xisto. Entrando no assunto, faz um desenvolvido relato ácerca da evolução da instrução publica nas colonias e dos sistemas paralelos de administração politica. Refere-se á necessidade do cultivo das linguas vernaculas, citando exemplos de Ceylão e da India inglesa, e á objectivação do ensino, para que seja util. Fala da obrigatoriedade da instrução, que julga dispensavel no entanto; das despesas que o Estado faz em cada colonia, comparando-as com as da metropole e com as de varios paises e estados nativos da India inglesa; da necessaria autonomia dos serviços da instrução; e estabelece por fim, largamente fundamentadas, as bases a que, a seu ver, deve obedecer o ensino de todos os graus nas colonias formuladas em vista das necessidades regionais, que são conhecidas e que passa em revista para cada colonia. São as seguintes as bases, que submete ao estudo da Sociedade:

1.ª O Estado deve destinar pelo menos 1/15 das receitas gerais de cada provincia para a sua instrução publica. Como verbas especiais para serviços auxiliares, devem ser destinadas as receitas que desses serviços derivam, tais como as da venda do papel selado gasto na instrução, propinas, emolumentos, quaisquer, dotações estabelecidas, sendo tudo isso administrado por entidades interessadas no desenvolvimento da instrução publica.

2.ª Na metropole deverá haver um estabelecimento superior de linguas e de conhecimentos coloniais que ora são dispersamente ministrados na Escola Colonial, Instituto de Agronomia, Faculdade de Direito, Liceu colonial do Bom Jardim, etc., tendo apenso um largo museu de produtos coloniais, com secções de agencias e informações. A Escola Colonial actualmente existente pode ter essa transformação em «Instituto Superior Colonial» e a ela pertencerá completar por cadeiras singulares, os estudos necessarios para funções oficiais e particulares nas colonias, constituindo a sua habilitação, titulo de preferencia para os provimentos do ultramar e no Ministerio das colonias.

Os conhecimentos de geografia comercial, agricultura, zoologia, botanica e mineralogia coloniais devem ser capitulo obrigado no leccionamento e nos exames do ensino secundario (1).

Para cada grupo de colonias ou para todas, haverá uma repartição da instrução publica no ministerio das colonias confiada a entidades com conhecimentos tecnicos, destinada a fiscalizar e orientar as questões gerais de ensino colonial.

3.ª Nas colonias será mantido o ensino pelas missões, subsidiado ou oficial, devendo de preferencia ser exercido por individuos, sacerdotes catolicos ou não, com conhecimentos obtidos no Instituto Superior Colonial, ou na secção do ensino normal das Escolas profissionais, a que se refere a base 9.ª.

4.º O ensino oficial nas colonias tem três graus: o primario, o secundario e o profissional. O superior existente na India deve ser modificado e mantido nos termos da base 11.ª.

5.º O ensino primario é constituido de dois graus: e é ministrado em escolas fixas e moveis, oficiais ou particulares, e compreende ler, escrever e contar, quer por meio das vernaculas regionais, quer pela lingua portuguesa, e a instrução agricola e industrial rudimentar, por meio de trabalhos praticos, tudo verificado por meio de inspecções e exames. Haverá, em regra, pelo menos uma escola primaria fixa do 1.º grau para 2.000 habitantes, e uma do 2.º grau para 3.000 habitantes, ou para uma frequencia escolar média superior, a 30 alunos

As escolas moveis serão criadas e mobilizadas segundo as necessidades das povoações. As escolas primarias do 2.º grau, cujo curso deverá durar 2 anos, têm o mesmo programa mais desenvolvido, tendo em

(1) Sob proposta de actual reitor do Liceu Central sr Alberto Garcia da Silva, foi constituido um fundo privativo do Liceu, para aquisição do material do ensino em instalações praticas, a que já atraz se refereu, o que foi aprovada pelo Diploma Legislativo n.º 86 de 15 de Maio de 1924 (Bol. Of. n.º 42) que deve contribuir poderosamenta para melhoria do ensino, material que já foi requisitado.

vista o inicio da profissionalização e conversação na lingua portuguesa.

6.ª Para um numero aproximado de 100 escolas primarias do 2.º grau, ou para uma média de 400 aprovados, haverá um liceu nacional. Se a média da frequencia desse liceu exceder de 300, deverá ser elevado a central, ou pelo menos concedidos provisoriamente exames para externos, dos cursos complementares de letras e de sciencias, caso o recrutamento do pessoal docente tenha sido feito segundo a base 8.ª. Nas aulas de geografia, historia, sciencias fisicas e naturais, o estudo e conhecimento regional e pratico deve constituir um capitulo obrigatório do ensino e dos exames.

7.ª O magisterio primario oficial das colonias, missionario ou não, é recrutado, em regra, nas secções do ensino normal que deverão ter as Escolas profissionais a que se refere a base 9.ª. A da India fornecerá pessoal para esta provincia, e para Macau e Timor. A do Cabo Verde tambem para Guiné e S. Tomé e Principe.

8.ª O recrutamento do magisterio oficial secundario que deverá existir em Cabo Verde, Angola, Moçambique, além da India, que já tem, é feito na metropole e na colonia, em partes iguais, possivelmente.

O numero de professores formados na metropole será escolhido mediante concurso entre individuos especializados nas Escolas Normais Superiores, abrangendo as disciplinas de português, francês, matemática, sciencias fisicas e naturais, e desenho. Os outros serão escolhidos possivelmente mediante concurso de provas publicas, entre individuos com os cursos dos liceus nacionais, ou centrais se houver.

O liceu de Macau, com a diminuta frequencia que tem, será transformado em uma das Escolas profissionais a que se refere a base 9.ª. O da India, pela sua frequencia e por causa do curso superior ai existente, tem condições de ser elevado a central, ou ter exames da 7.ª classe, para externos (1).

(1) O Liceu de Nova Gôa, foi posteriormente elevado a central, por Decreto n.º 5828 de 31 de Maio de 1919. Foi tambem ele-

9.ª Haverá Escolas Profissionais em cada uma das 8 provincias, compreendendo uma ou mais secções de ensino, segundo as conveniencias de cada região. As Escolas profissionais de Cabo Verde, Angola, Moçambique e India terão a secção do Ensino Normal com 3 professores. Este ensino será constituido em curso complementar dos liceus nacionais, e deverá ser composto por cadeiras singulares de pedagogia, gimnastica e musica, noções de lingua vernacula com as suas variantes na area da provincia, economia domestica, trabalhos manuais femininos, conhecimentos desenvolvidos de aplicação na agricultura e industria com trabalhos praticos, etc.

Além dessa secção do ensino, poderá haver cadeiras de ensino especial, como em Cabo Verde, pilotagem comercio, artes mecanicas; Guiné, agricultura e industrias agricolas, comercio, pecuaria; S. Tomé, comercio, industriais agricolas e de transformação; Angola, industrias agricolas e fabris, veterinaria e pecuaria, comercio, artes mecanicas, legislação; Moçambique, idem; India, idem; Macau, comercio, pilotagem, artes mecanicas; Timor, agricultura e industria agricolas, comercio e pecuaria, etc.

A direcção dessas Escolas é da competencia de individuos formados na metropole ou no estrangeiro, e o pessoal docente possivelmente recrutado na colonia, ou contratado em territorios visinhos, quando haja.

10.ª A fiscalisação e administração superior de todos os serviços da instrução publica devem ser confiadas a repartições ou secções exclusivas, e sob a direcção de chefes recrutados na metropole e no magisterio (1). Os inspectores escolares cujo numero será, em regra, de 1

vado a central o de Macau pelo mesmo Decreto. Por Decreto n.º 3916 de 2 de Março de 1918, foi criado um Liceu nacional em Lourenço Marques, extinguindo-se a «Escola Comercial e industrial 5 de Outubro» que ahi existia com um ensino secundario e especial. Em Cabo Verde e em Angola, já existem actualmente criados Liceus.

(1) A P. P. n.º 1035 de 19 de Outubro de 1922, criou provisoriamente uma Direcção dos S. de Instrução, com um director

para 40 escolas, serão recrutados na colonia, por causa da utilização da vernacula. Haverá Conselhos de Instrução com membros oficiais e membros eleitos (1).

11.ª O unico estabelecimento de ensino superior existente nas colonias, a antiga Escola Medica de Goa, deve ser mantido, separando os serviços do ensino dos do quadro de saude, ao qual por um infeliz principio de economia se conserva anexa. O corpo docente, a quem não se deve regatear vencimentos condignos, deve ser recrutado nas Faculdades de Medicina do continente, ou equiparados com concursos de provas, devendo haver pessoal contratado para especialidades, e conceder verbas para laboratorios, e aulas praticas (2) E a Escola deverá ser o viveiro de medicos para as provincias de Moçambique, India, Macau e Timor (3).

(*Diario de Noticias de 10 de Maio de 1917*)

---

que foi nomeado, escolhido entre professores efectivos de uma das Universidadas da metropola. Teve porem de ser extinta, como foi pelo Diploma Legislativo n.º 128 de 17 de Janeiro de 1925 (Bol. n.º 7) conservando-se uma Repartição privativa, só para os serviços do ensino primario.

(1) Foi com essas ideas votada a constituição do Conselho de Instrução da Provincia pelo Diploma Legislativo n.º 87 de 15 de Maio de 1924.

(2) Como exemplo, e até aqui unico, de ensino superior livre, merece registar-se, que, por Despach do Governador Geral da India de 10 de Dezembro de 1924 e Alvará do Director de Instrução de 16 de Dezembro do mesmo ano, foi reconhecida a competencia e concedido o direito de dar curso de aulas praticas da especialidade da clinica oftalmologica ao Doutor Bossuet Afonso, diplomado pela Universidade de Wuerzburg (Alemanha) e graduado com a medalha «Bene-Merenti».

(3) Vide o livro *A India portugueza* (notas economicas e financeiras, 1.ª parte) do autor, publicado em Lisbôa, 1918.

IDEAS RELACIONAIS N"O SECULO"

PELA INDIA PORTUGUEZA

I

Ao sr. ministro das colonias

A India portuguesa, terra essencialmente agricola pelas suas condições geologicas, uma faixa litoral e parcial da cordilheira dos Gates industanicos, vasando para a sua vertente ocidental as raspaduras humosas dos seus verdejantes vales e encostas, jaz ainda nos primitivos processos que antiquissimos agricultores do Concão, ali ensaiaram e fixaram.

Gôa, o porto notavel, a cidade gigantesca que abrigava, ao tempo da conquista ao mouro, 80 mil habitantes, segundo as cronicas de então, e que rendia 5 mil libras, tem hoje a sua população reduzida a 15 ou 18 mil habitantes, na maioria burocratas e poucos comerciantes.

Na sua vizinhança para o norte e para o sul, Bombaim, a ilha dos pescadores, cedida em dote a infanta Catarina, é hoje uma das melhores cidades e um porto dos mais movimentados do mundo. Colombo é outro.

Mas não vale carpir maguas, porque tristezas não pagam dividas, nem excavar pristinas grandezas, que a desolação e o luto avultariam. Fazer regressar Gôa a ser o entreposto comercial entre o Oriente e o Ocidente, que Albuquerque efectivou com magua dos *poetas da India*, seria hoje uma bela utopia. Protestariam as proprias condições geologicas, porque o açoriamento para os portos, como a decadencia para os povos, como a edade para os homens, são as incrustações calcareas dos cemiterios, a que se não pode fugir.

E lá estavam Bombaim e Karachi ao norte, Karwar e Colombo ao sul, produtos inglezes de solida armação, em trabalhos colossaes, quaes sentinelas vigilantes e armadas para esmagar a acção portugueza que

surgisse do meio do quasi perimetro da sua influencia maritima.

Não podendo Gôa ser o entreposto comercial, faça-se pelo menos, origem e procedencia do que o seu fertil solo pode dar. Seja, pelo menos, a fabrica laboradora do que os seus habitantes inteligentes e activos podem produzir. Não é o comercio, seja a industria. Não é a industria que grandes capitaes fecundam e fertilisam, seja a agricola, a manufactureira que aproveitando do solo, das materias primas e da aptidão dos seus habitantes, vá superabundar os mercados, enchendo a procedencia, de conforto e da vida.

E' de uso dizer-se que ha extensos terrenos que, por falta de quem nos valorise, permanecem virgens e improdutivos, como capitaes mortos. Ha-os, não ha duvida. E o que é mais curioso, é que sempre se está pensando em resolver o problema agricola, e le aí figura incognito e se mantem invulneravel.

* *
*

De quem será a culpa? Do governo? Dos habitantes? E' de todos. Ao governo tem faltado planos e continuidade. Quando tem legislado para a agricultura, tem esquecido de que a terra não progride sem capital e sem trabalho. Quando se lembrou de estabelecer normas para o capital, fugiu-lhe da idéa a terra e o trabalho, e, assim. E aos habitantes, teem faltado garantias higienicas e policiaes, educação agricola e industrial e persistencia.

O governo tem feito drenar para aí agronomos, agricultores, silvicultores, administradores das matas, mas o problema do *kandó* (que é uma poda barbara nas arvores) em Nagar Avely e dos *cumerins* (queima de terras com folhagem) nas Novas Conquistas, sempre aí está irresolvido O *saucarismo*, que é o flagelo do pequeno agricultor *roito* e do *varli*, e que medidas sobre o credi-

(1) *Saucar* quer dizer pequeno capitalista estabelecido nas povoações analfabetas e é o prestamista de largos e fabulosos lucros.

(2) *Roito e varli* são os cultivadores analfabetos das Novas Conquistas e de Nagar-Aveli.

to agricola varreriam das povoações, aí medra e explora.

Os habitantes, por seu turno, teem-se esfalfado em concessões enfiteuticas, em arrendamentos, em pequenas tentativas de amanhos de cultura intensiva e glebaria, e, apesar disso, vastos terrenos existem nas Novas Conquistas incultos e abandonados.

O espectro do *deficit* cerealifero, que até o decenio findo em 1907 oscilava em 600 mil contos anuaes, em média, numa região onde o arroz é a base da alimentação, mina profundamente a vida economica, constituindo Goa um feudo de Burma, Rangoon, Mangalore, etc., que são os seus celeiros.

A atenção do governo pela agricultura tem-se exteriorisado por varias medidas. Para citar alguns exemplos não remotos, encontra-se, em 1840, o governo de Lopes de Lima, a animar pela sua portaria de 27 de Novembro desse ano a cultura de batata, e a nomear uma comissão de milhoramentos da agricultura pelas portarias de 7 e de 24 de outubro desse ano. Pelo Oficio numero 747, de 1 de abril de 1843, esse mesmo governo aprovava os Estatutos duma sociedade de melhoramento da fabrica de assucar, na comarca de Bardez, no intuito de vulgarisar o conhecimento dos processos dessa industria fabril.

Como derivado do decreto de 27 de dezembro de 1877, a Portaria de 30 de junho de 1883 creou o Conselho de agricultura, depois ampliado pela Portaria de 20 de dezembro de 1899, com atribuições e funções que bem desempenhadas, podia tornar a agricultura da India, rica e proveitosa.

Em 19 de abril de 1862 foi contratado no antigo Ministerio da marinha e ultramar um medico-veterinario-lavrador com uma das obrigações, a de ensinar a agricultura e veterinaria, individuo que se propoz organizar a abertura dum curso na antiga Escola Matematica e Militar, de 2 anos de duração, infelizmente sem resultado, porque morreu por falta de frequencia.

O antigo Instituto Profissional tinha uma cadeira de agricultura. Pelo programa de ensino primario e nor-

mal decretado em 23 de maio de 1907, é obrigatorio dar noções de agricultura. Trabalhos hidrograficos se teem feito uns poucos. Repartição hidraulica está creada. Reformas agrarias e das matas, de tantas que teem existido, todas se fundamentam em melhorar as condições agricolas e do cultivador.

Por decreto de 17 de agosto de 1912, temos a *Inspecção da agricultura*, creada na India. Teem-se promovido exposições agricolas e industriaes

* * *

O cidadão, por seu turno, como para dar provas da sua capacidade agricola, tem feito trabalhos. Tivemos uma sociedade para a cultura do opio em Satari, nos principios do seculo XIX Em 1828, no governo de D. Manuel de Portugal e Castro, foi fundada a *Sociedade Patriotica das Novas Conquistas*, com os seus Estatutos de 11 de junho de 1841, obtendo largos terrenos no concelho de Sanguem. Calangute, Saligão, Cuncolim, foram pequenos centros de produção de assucar e de jagra (melaço) de cana. As comunidades agricolas, por seu turno, teem tentado melhorar as condições agricolas das suas terras e os processos empregados para a cultura.

O cidadão indo-portuguez, se mais não tem feito é porque lhe teem faltado guia e farol para se orientar nos processos culturais e estimulo para novas tentativas. Estruturalmente conservador e avesso a aventuras, ele só abraça a novidade, quando a veja uma e muitas vezes, bem sucedida. Daí a falta de atração para a agricultura, ambicionando os filhos, até de grandes proprietarios um lugar no orçamento como «ocupação», daí o menosprezo pelo proprietario agricultor e o apreço pela burocracia, que se vae constituindo em oligarquia, com prejuizo da educação e vida nacionais.

Hoje, felizmente, o espirito publico já vae mudando de orientação, e muito se está falando agora em cooperativas agricolas, sindicatos, cooperativas de proprietarios, que, despertados talvez pela baixa dos seus rendimentos com a guerra européa, procuram louvavelmente organisar-se, para melhorar a terra, os produtos,

transformal-os e baratear a vida que está sendo cada vez mais cara.

Pois se, de parte a parte, governo e povo querem a agricultura, intensamente desenvolvida, querem-na tal que encha de generos de primeira necessidade os seus mercados; se todos reconhecem que é preciso promover uma propaganda eficaz, como um dos elementos do bem estar regional ¿porque será que ela não progride? Porque o espirito industrial não germina e não frutifica, para na media das suas forças, ir satisfazendo, pelo menos, ás necessidades regionaes, cortando esse laço de degola que os mercados inglezes teem iminente sobre a India Portugueza?

E' o que procurarei analisar em artigos subsequentes e, bem assim, demonstrar o atual estado da agricultura e das industrias.

J. Benedito Gomes

(«O Seculo» da manhã de 20-12-915)

PELA INDIA PORTUGUEZA

Educação agricola e industrial

II

(*Ao sr. Ministro das Colonias*)

Vimos já no artigo anterior os varios trabalhos feitos e diplomas promulgados no sentido de melhorar a agricultura na India e o malogro em resultados, vendo-se decrescer em valor a propriedade rustica e urbana, não só por falta de capitaes que a veiculem e transformem, mas tambem porque a industria agricola, e os trabalhos agricolas não atraem o cidadão.

Não vá sem nota que a taxa média do juro anda por 10°/₀ e eleva se muito nas terras do *saucarismo*, atingindo, segundo já se tem visto escrito, até 75°/₀. e por

vezes ao estado de capitaes que mais rendem em juros do que o proprio capital que nunca se considera amortisado (1)

O fenomeno é complexo, e mal iria quem supuzesse resolvel-o de uma fórma satisfatoria, atacando-o só por uma face. Como nas organisações sociaes, a engrenagem do capital, terra e trabalho é complicada; libertar a terra do capital, que escasseia ou que se furta á circulação, ou encarecer o trabalho da terra que regateia em frutos, seria de mau juizo.

Não ha duvida que a India é pobre em capitaes, e mais pobre está porque eles vivem fugitivos, a coberto da bandeira ingleza que flutúa ali perto. O capital determinaria o trabalho, que poria em movimento a terra obtendo-se dela o que ela pode dar.

Encarecimento do pequeno capital que existe, a usura, a exploração do pequeno colono, pobreza deste, fraqueza fisica, despopulação, emigração, deserção dos campos . . E' uma série.

Junte-se a este quadro a falta de saneamento das regiões, falta de segurança para a propriedade e para o proprietario, falta de viação que veicule produtos do interior, e pode-se ter o quadro completo, porque a agricultura na India se mantém inalteravel, limitada apenas ás terras e processos, que antigos colonos vieram desbravar e fixar numa comunidade de sentimentos e de vistas admiravel, e que nós só temos desorganisado com sucessivas e novas organisações.

Não ha como a unidade para formular e fixar os delineamentos de um plano de administração. A propria variedade, que é uma condição estetica do espirito, exige a concordancia, que não é outra coisa se não a unidade em variação. E' por isso que a organisação do trabalho, da terra e do capital tem de se submeter a linhas concordantes, que no seu conjunto sejam convergentes para o interesse da região onde vão operar.

(1) *India portuguesa* (Notas economicas e financeiras) pelo autor publicado em 1918, Lisboa.

Mas, entre a ação do governo e a terra acha-se interposto um elemento de transição—o homem agricultor—de quem depende a aplicação das energias regulamentadas em potencia e a utilisação dos recursos do solo. Terras uberrimas, regadas pelas chuvas copiosas dos climas quentes e acarinhadas pelo calor intertropical são perfeitamente uteros virgens, onde só vegetações espontaneas medram quaes polipos e cirros da fauna humana.

Do que precisamos, é de tornar o homem apto em recolher e utilisar as energias teluricas, em convergencia para a produção, de afeiçoar a sua vontade para os trabalhos e industrias agricolas, creando nele o amor, tendencia, que no final, não hão de representar mais que como parcelas da hereditariedade *adquirida*.

O filho da India, descendente de *gãocares*, deve ser, por atavismo, agricultor. Foi, com certeza, a educação, que desde seculos se lhe está infiltrando, que fez dele só literato, para olhar a terra com desamor, e o trabalho manual livre como uma escoria. Salvem-se as excepções que véem confirmar o que aqui digo.

Ora nós temos trabalhado contraproducentemente. E o primeiro culpado é o governo, como dirigente superior, a quem, no seu conjunto de medidas de ordem geral, tendentes a promover a agricultura na India portugueza, tem faltado a capacidade da sintese e escapado um instrumento importante para esse fim: educar homens para a agricultura e industria.

Todos quantos são observadores e conhecem um pouco a psicologia sabem que, para se ser trabalhador ou agricultor, tem de principiar a sêl-o.

O negociante e o produtor, para fazerem entrar os seus produtos no àmago dos consumidores metem os seus nomes nos cinzeiros, nos papeis absorventes, nas canetas, nos pratos, etc., objètos, emfim, que mais em contacto se põem com os consumidores. Na civilisação antiga havia a hereditariedade profissional, a casta fechada, isto é, um ambiente de familia preparando um homem. Ora as escolas não devem representar outra coisa, senão as fabricas de homens, não geraes, que a

vida está curta e a fome é grande, mas com fins especiaes, tal como se faz na America.

Na India, especulativa e teorica por excelencia, a patria da gramatica e do numero, o taboleiro do xadrez, a terra do nirvana budico, onde S. Francisco e Roberto Nobili vingaram farta colheita, a educação não se desviou ainda dos primitivos moldes da abstração e do subjetivismo. A inteligencia natural do indo-portuguez não solicitada para o trabalho dos braços, para o exercicio dos orgãos dos sentidos, para visão objectiva dos conhecimentos, para o movimento realista, deixou-se, na velocidade adquirida em que vinha, continuar no subjetivo, de braço dado ao dogmatismo e impositivismo que as classes, as castas, a funda concepção religiosa, o estado social e mental, emfim, ai determinavam.

*
* *

Ora, é um trabalho de renovação da educação intelectual que carece de se fazer na India. Já iniciado, sim por varios espiritos modernos, mas carece de ser impulsionado para vencer distancias. E creio mesmo que em Portugal pouco mais se tem feito neste sentido.

Ouve-se muito falar e clamar pela imprensa que o proletariado intelectual é assustador, que os liceus, os institutos, as universidades vomitam diplomados que vão constituir o flagelo dos ministerios e dos governos. A crise de trabalho não está afetando só o operario braçal. Vae uma crise de intelectuaes que, quaes individuos munidos de ferramentas, procuram campo para as exercitar.

E assim como, quando desejamos que um filho seja mecanico ou artista, entregamol-o a quem tal ensine em fabricas, em oficinas, isto é, onde se respira uma atmosfera daquela natureza, assim, se nós queremos que a agricultura, a industria, os oficios manuaes prosperem na India, façamos escolas que, não podendo ser exclusivas e especiaes por causa da pobreza do tesouro, sejam, ao menos, primarias, com programas de trabalhos agricolas, manuaes, limitando-se ao minimo os conhecimentos das altas gramaticas, grandes historias

e geografias estranhas, sem conhecer as proprias, que estão ao pé.

E' este um assunto para largas dissertações, para quem conhece um pouco a psicologia da India e a da criança daquela mesma provincia. Mas urge acentuar no emtanto, que o governo tem de imprimir uma orientação mais realista ao ensino, fazendo-o servir com material de ensino e obrigando a uma objectivação constante do que se ensina.

Para outro artigo fica o que a India dá em produtos agricolas.

J. Benedito Gomes

«O Seculo» da manhã de 20 2-916

Nota—Estes artigos não foram continuados, por motivo de serviços de medico miliciano, em que teve que trabalhar o autor.

INTERESSES DA INDIA

Vão ser decretadas medidas para as colonias. —Considerações sobre assuntos importantes de instrução

Vejo noticiado que, pelo artigo 87.º da Constituição politica, vão ser decretadas medidas para as colonias, e, entre elas para a India. Congratulo-me com esse facto, porque tenho fé de que o actual ministro, com o seu saber de colonial, acudirá ás verdadeiras necessidades da India com providencias eficazes e de ponderado estudo. Quais serão essas medidas? Tratarão, por exemplo, do fomento das Novas Conquistas, mandando restringir as matas ao essencial, alargando a zona cultural do arroz, libertando a propriedade particular, que aí se mantém peada? Será autorizando que os trabalhos de irrigação se façam com mais rapidez para atenuar o dificil problema cerealifero? Será reformando a instrução publica para preparar cidadãos conscientes da sua ac-

tividade dentro da educação ministrada, em vez de candidatos a empregos publicos? O intervalo parlamentar do ano findo não foi feliz para a India, porque nada nesse genero foi para ela promulgado, salvo alguns aumentos de vencimentos e criação de logares. Por hoje farei considerações sobre as avultadas inscrições para a matricula nos estabelecimentos de ensino. Em Nova Gôa existem: uma Escola Medica, um Liceu Nacional, uma Escola Normal e, desde o corrente ano lectivo, ainda não completamente instalado, um Instituto Comercial. No Liceu Nacional o numero de matriculados atingiu este ano quasi 600, de 450 que foi no ano findo. Os liceus municipais, com tres classes, dão uma inscrição de quasi 400 matriculados, de 300 que havia no ano findo. O Instituto Comercial, cuja organisação nos termos em que ela foi feita, foi reprovada por toda a imprensa indiana, deu uma nota de 300 matriculados. A Escola Normal terá uma frequencia aproximada de 70 alunos, tendo tido ainda ha tres anos perto de 150. Não tenho a nota estatistica do movimento da instrução primaria, relativa ao ano findo, mas os seus serviços desenvolveram-se bastante, com as quasi 50 escolas que por iniciativa do governador, sr. dr. Conceiro da Costa foram ali instaladas. E ultimamente vi que foi autorizado o engajamento de mais pessoal na secretaria da inspecção, pago pela verba dos cargos de sub inspectores, criados em 1914 e ainda não providos.

A razão da afluencia ás matriculas

Para quem olha, com desejo de estudar esses factos, as suas determinantes e as suas consequencias, salta á vista que essa afluencia crescente traduz em parte uma louvavel sêde de instrução no filho da India, e em parte uma aspiração para o exercicio da sua actividade que, não sendo educada para qualquer profissão ou arte com rigor e com eficacia, caminha para o emprego publico. Tive ocasião ainda ha pouco, a convite da benemerita Sociedade de Estudos Pedagogicos, de formular um relatorio e umas bases para organização do ensino nas colonias, e aí deixei esboçado um plano geral de

reforma, que foi publicado no *Diario de Noticias*. A Escola Medica, comquanto melhorada ultimamente pelo governo provincial, não acusa notavel aumento da sua frequencia, porque as garantias concedidas aos seus diplomados teem vindo sucessivamente decrescendo. Eis porque já ha estudantes que vêem da India fazer o curso medico no continente. O curso do Liceu Nacional, cujas garantias se têm restringido aí na pratica aos poucos cargos da secretaria geral, para admissão ao magisterio liceal e municipal, para admissão na Escola Medica, etc., esse curso tem uma frequencia crescente, superior a muitos dos liceus centrais do continente. O curso da Escola Normal, ao tempo em que havia muita vaga a prover, teve grande frequencia. O curso do Instituto Comercial, ao qual foram concedidas maximas garantias de preferencia *exclusiva* para um grande numero de cargos publicos e *relativa* para todos os outros, acusa uma grande inscrição.

Maus regulamentos e programas

O fim da organisação do ensino secundario e primario e o de algumas do ensino especial não pode ser a conquista do emprego publico. O ensino tal como nos programas se acha organizado e tal como se o pratica, carece de ser reformado. Dou alguns exemplos dos defeitos de que ele enferma, dos muitos que, professores como eu, teem obrigação de os conhecer. Os professores do Liceu Nacional são recrutados por concurso *documental* e sem curso complementar, sendo preferidos os que tenham frequentado a *cadeira* a concurso em um estabelecimento de ensino superior! Muitos aqui sabem o valor que pode ter só a frequencia nas actuais Faculdades sem o documento da sua passagem.

O magisterio do Instituto é recrutado em individuos *idoneos* escolhidos pelo ministro, para servir lugares na India, dos quais dois são de 360 escudos anuais. Ha um curso superior, o da Escola Médica, e o coeficiente da instrução com que aí se permite ingresso, é o de um Liceu Nacional! Na capital do Estado da India, onde ha uma população de 12 a 15 mil habitantes, en-

sina se, por exemplo, o português e o francês, no Liceu, na Escola Normal e no Instituto; ensina-se o inglês e o direito administrativo e legislação no Liceu e no Instituto; ensina-se geografia, historia e sciencias fisico-naturais no Liceu e na Escola Normal. Ensina-se a historia de Portugal e o pequenino estudante, salvo excepções, passa defronte da estatua de Afonso de Albuquerque ou duma fortaleza, e não sabe o que elas representam e significam. Ensinam-se, por causa dos livros adoptados, os processos e instrumentos de agricultura em Portugal, mas o menino não sabe em geral como o seu pai, ou o seu feitor, ou o seu vizinho, semei m, adubam e colhem o arroz de que eles se alimentam, o coqueiro que vê ao pé da porta, a mangueira cujos frutos apedreja! Não pode ser assim a educação moderna. Não podemos consolar-nos vendo apenas inscrições nos estabelecimentos de ensino. Poderão converter-se em um mal, se dentro desses estabelecimentos não formarmos a consciencia do estudante, que deve um dia, especializada, produzir utilidades, sem o espeque dos *empenhos* que a desvirtuem e sem *padrinhos* que minorem o seu valor, dando timidez e dependencia.

O que o governo deve fazer

A India não pode ter a mesma organização de ensino que a metropole. Essas manifestações do sistema da assimilação passaram felizmente para a historia, e o actual ministro das colonias foi um dos seus mais ferozes demolidores. No ensino primario e secundario tem de se olhar mais para a terra para os seus homens e os seus factos. A' intensidade do ensino e da fiscalização tecnica tem de ir sobrepondo se a contingencia dos exames, porque sobretudo no ensino primario, pelo menos 20 por cento dos matriculados não procuram o exame. A actual emigração que é quasi toda dos não letrados e analfabetos, ou que vai fazer cursos secundarios, superiores e especiais na India inglêsa, podemos tê-la á mão, apenas na instrução primaria, porque o estudante que foi aos liceus municipais ou frequentar cursos em Nova Goa, esse na sua grande maioria preferirá vegetar, á espera de um emprego, a não emigrar. No ensino profissional, que poderá aí abranger, dentre os já existentes, o normal para professores, o da legislação para o recrutamento do funcionalismo, o comercial para os que querem dedicar-se ao comercio, e outros que podem criar-se por meio de *Bolsas de estudo* para estudantes na India inglêsa, a especialisação tem de criar no aprendiz uma personalidade profissional inicial, para que haja a probabilidade de exito. O trabalho manual que na India foi deprimido como privilegio das chamadas classes inferiores tem ser nobilitado, e é á escola que cabe essa redentora tarefa. O governo tem, pois, excelente materia prima na India; os seus filhos estudiosos e criando facilmente idoneidade no que se lhes ensina. Noutros tempos foi a India o viveiro onde se abasteciam de medicos, padres, soldados e professores as provincias de Moçambique, Macau e Timor. Hoje afastou-se dessa orientação. A instrução é um bem, mas pode vir a ser um mal quando mal encaminhada, por que a fome dos instruidos é peor conselheira do que a dos analfabetos.

J. Benedito Gomes

«A Manhã» de 5 de setembro de 1917.

INTERESSES COLONIAES

Instrucção primaria na India

O problema da instrucção é o fundamental. Provar a sua importancia ou a sua oportunidade é perder espaço e tempo. Mas isso não autorisa a que a solução seja crear mais escolas, para fechar outras tantas cadeias como se dizia noutros tempos, em que ás escolas por seu turno sem a preocupação da sua qualidade e de seu funcionamento, se não atribuia a abertura doutras cadeias. Não ha como o sentimento da proporção

para estabelecer o freio ás tendencias extremistas, que ainda no pensamento popular sintetisam pela maxima de «pouco e bom do que muito e mal». Será popularirisante e quiçá facil a idéa de propôr a creação de muitas escolas ou de estabelecimentos de ensino, mas tem de ter limite, na inoportunidade, em proveito do aperfeiçoamento do existente. Pode, pois, ser um mau serviço.

O essencial é valorisar a potencia produtora duma escola, considerada como maquina de trabalho. E assim como muito desconhecedor das leis da economia social e das condições regionaes, seria, quem se desse ao trabalho de espalhar maquinas a rôdo por um campo aravel, sem as condicionar ao activo do seu funcionamento ou subordina-las ao preceito, pelo menos, do minimo do seu resultado util, assim seria, pouco sensato crear escolas para se ter o prazer de as crear

Pois da extensa rêde lançada pelo Estado á pesca de analfabetos pelos seus dominios, ora agravada com a obrigatoriedade da presa, a instrucção primaria tem de atingir todos. Mas em paizes como a nossa India, onde o faraz, o boiá, o curumbim, diz-se, em certas provincias que conspurcam as aguas do poço de que se servem, criando uma necessidade de purificação, a rêde da instrução primaria lançada, ha de forçosa e temporariamente abrir malhas para os retractarios por condições etnicas.

Em paizes como esse, onde o comercio e a industria vegetam quaes plantas fotófilas á sombra, onde a iniciativa individual, a audacia, o amor ao trabalho fisico vivem em hibernação, por causa de seculos de educação deprimente e dogmatica, onde como consequencia, as economias do Estado são remediadas e pobres, a instrução primaria tem de condicionar-se ás necessidades dos individuos, ás probabilidades do trabalho util e aos recursos disponiveis.

Entre a acção centrifuga do Estado em tornar instruidos todos os cidadãos, e a da familia, tem de haver uma concordancia que se manifesta no ensino simultaneo e no individual. O simultaneo foi o progresso do

individual e é este o seu limite que se não pode atingir, porque o Estado é tambem socialista; quer a socialisação dos filhos da familia na escola, em uns pequenos aglomerados infantis Eis. porque o numero é pouco e a qualidade muito. Foi o que o governador sr dr. Couceiro da Costa fez, não executando a Lei de 3 de Abril de 1913 que criava mais 20 escolas primarias, além das 25 por elle propostas em 1912

A India tem um capital ancestral valioso, constituindo o seu fundo de tradição no ensino, que temos de aproveitar. Quer seja o bramanismo, quer o budismo, quer o moderno hinduismo, o christanismo, todos tiveram felizmente a sua propaganda de ensino. As seis escolas filosoficas de Kapila, de Pantajali, dos Vedantas, de Kanáda, etc., a universidade de Nalanda, as escolas ao ar livre e as das varandas dos pagodes hindus e dos mosteiros budistas, os centros educativos de Buddh Gaiá e de Orissa, irradiando a sua influencia religioso-literaria, foi um capital atavico importantissimo, que mais lucros produziria, se o regimen mais ou menos constritivo e defensivo de castas, não viesse opôr-se á fase dispersiva do ensino. E na nossa India, sob o cristianismo, houve a sequencia natural nas escolas paroquiaes, nas varandas das igrejas e das capelas, nas escolas do *boto* e do *kagi*, em colegios e seminarios que altamente marcaram a educação religiosa. O jesuita, porém que tinha á mão muitos estabelecimentos de ensino, e, pelos curas das almas muita população infantil das freguezias, não opôz, ao separativismo das castas, o a uma especie de federação castista oligarquica das classes superiores quanto ao ensino; preferiu ser conservador e acomodaticio para captar proselitos. E o cidadão indo-portuguez sequioso da liberdade e de luz, ávido de saber e de exercer a sua actividade, continuou sob o regimen de constrição, explodindo-se apenas ora pela emigração, ora por uma lucta torturante *in.situ*.

Emquanto Portugal tem o seu coeficiente de analfabetismo de 75°|₀ segundo as ultimas estatisticas, a nossa India deve andar talvez por pouco menos, tomando em linha de conta os que sabem ler e escrever ma-

rata. Na India ingleza estava por 94°|₀. No proprio continente portuguez, alguns distritos como Castelo Branco teem 84 |₀ Beja e Leiria teem 82 |₀, Faro 83°|₀, etc. Dentre as nações, é a Alemanha a melhor preparada que tem 0,03°|₀.

Quanto á densidade escolar, Portugal tem 6.198 escolas primarias, sendo 2 281 do sexo masculino, 2.040 do feminino e 1.277 mixtas, com uma população de 1,07 por mil habitantes. A India portugueza tinha em 1914-1915 em funcionamento, entre as de portuguez, marata e guzerate, 142 escolas, regidas por um ou mais professores, resultando uma proporção de 1 para 3.700 habitantes.

Com um analfabetismo relativamente menor, a India portugueza devia estar melhor nas suas condições economicas e sociaes. Infelizmente assim não foi. E é essa a crise que a victima e a atraiçôa Produziu excelentes alfabetos, mas pouco uteis factores sociaes em geral, porque, nem a instrução primaria os preparou com elementos de trabalho e de capital de resistencia, nem a instrução posterior os afeiçou o especialisou, para produzirem valores com a consciencia da sua personalidade para actos e obras que criam meios da vida.

Numa conferencia que tive a honra de fazer na Sociedade dos Estudos Pedagogicos, disse que o Estado gastava na India 57 contos para a instrução publica e que o seu habitante, pagando de imposto 2$621 réis, recebia, em troca, por conta do ensino, 107 réis. Na instrução primaria só, Portugal gasta no continente 920 réis por habitante, a França 1$200, a Inglaterra 2$100, Estados-Unidos 2$400, a Hespanha 430 réis, a Russia 120 réis. O tesouro da India deve pois gastar máis nessa instrução.

São dois os problemas quanto a essa instrução — que por hoje nos interessa—que teem de ser solucionados: um o das noções primarias e fundamentaes a serem ministradas, regionalisadas, como substrato da preparação, outro o da assimilação da lingua como simbolo de maior penetração do dominio portuguez, que é ali simpatico e preferido na generalidade. Ha felizmente um elemento importante a ser aproveitado, é a tendencia a aprender, que vemos objectivada na notavel afluencia ás escolas primarias e secundarias, sem exclusão do sexo feminino, que já tem representantes no Liceu e na Escola Medica, nem de religiões, entre as quais, os hindus fazem hoje bons progressos.

Na instrucção primaria, tenha o aluno todo o carinho, justiça e igualdade de tratamento, ministrem-se-lhe noções da forma mais objectiva, com modelos e exemplos á vista, promovam-se-lhe festas escolares, recitações e representações em teatros infantis para a cultura da expressão e da personalidade, premios e jogos, tudo, para que se lhe grave no espirito o que desejamos; para que ele se expanda livre e despreocupado; quanto aos professores, estimulos sem injustiças para o seu trabalho fatigante, para que eles por seu turno o tenham para com os seus alunos, premios em conforto monetario para os que melhor produzem; dirija se lhes por uma fiscalisação criteriosa superior e especial a actividade em trabalhar mais terra a terra, para objectivar o ensino, por excursões nos arredores da escola, pelos campos fora, em trabalhos manuaes; incite-se uma maior aproximação entre o mestre e os discipulos para se estabelecer a tendencia ao equilibrio movel de conhecimentos, limite-se a sua esfera da acção com programas menos pesados; e como intermediarios, poucos e apropriados livros cuja inteligencia possa ser ajudada com objectivação no paiz, o necessario material de ensino, a permissão da vernacula apenas como meio de mostrar inteligencia das coisas e não como cultura da lingua, que no entanto é prematura, o crescente e sustentado esforço em dotar de edificios escolares, etc.

O Congresso provincial pronunciou-se bem pela reforma imediata do ensino publico na India, delineando as suas vistas no sentido de o tornar mais util, e avultando o ensino tecnico por meio de Bolsas de estudo, e a efectivação das escolas moveis já criadas pela portaria provincial de 16 de Novembre de 1911. Em alguns artigos de propaganda louvavelmente franqueada no jornal *O Heraldo*, de Nova Gôa, a primeira folha diaria das

colonias portuguezas, que me teem sido enviados, tenho visto com prazer, tratados alguns assuntos dessa instrução, no intuito de se fazer uma obra util, e não para *inglez ver*.

Soube com prazer que o Governador Geral da India sr. dr. Couceiro da Costa, a quem a instrução primaria deve ali um grande impulso, reconstituira uma comissão já nomeada para esse fim, ora sob a presidencia do sr. dr. Fausto Quadros cujo amor á instrucção e faculdades de inteligencia inspiram segura garantia de que fará obra util, tendo como tem, alguns membros capazes. Possam essas fugitivas impressões de um filho da India e tambem muito amigo da instrução, contribuir para a realisação da obra legislativa que se vae fazer, para *preparar homens conscientes e trabalhadores, desde a instrução primaria*.

Lisboa.

J. Benedito Gomes

«Jornal do Comercio e Colonias» de 29-11-1916.

Nota. Não foi possivel reproduzir os artigos publicados n'*A Capital*.

B. G.

ESCOLAS INGLESAS

(AS QUE NAS ESTATISTICAS SE REFERIU)

Colegio Inglez de S. José

(St. Joseph's High School)

Fundado em Arporá de Bardez, em 1883.

Director: William Robert Lyons.

Professores 10, inclusive o director.

Regime de ensino. Tem 9 classes, incluindo a preparatoria que dá ingresso na 1.ª, e vão até a 8.ª, que é a de *matriculation*, e tem mais o curso de dactilografia, e o de guarda livros (*book keeping*) na 5.ª e 6.ª classes.

Ensina se na *classe VIII.ª* (matriculation); Inglez, prosa, poesia e gramatica; Latim; Francez; Arithmetica; Algebra; Geometria; Historia da India e da Inglaterra; Geografia fisica e politica; Sciencias naturaes. Na *classe VII.ª* catecismo para os catolicos; Inglez; Latim; Francez; Arithmetica, Algebra, Geometria, Historia da India, Geografia e Sciencias naturais. Na *VI.ª classe;* as mesmas e *book keeping*. Na *V.ª classe*: mesmas disciplinas, exceptuando as Sciencias naturais e Historia da Inglaterra em vez da India e *book keeping*. Na *IV.ª classe* as mesmas disciplinas, exceptuado o *book keeping* Na *III.ª classe* as mesmas disciplinas, exceptuado o Latim, o Francez e Historia da India, e entrando mais a escrita e redacção. Na *II.ª classe* e *I.ª classe*: mesmas disciplinas. Na classe preparatoria, mesmas disciplinas, e menos a geografia.

Tem internato e o ensino é para ambos sexos.

E' colegio acreditado perante a Universidade de Bombaim.

St. Mary's girl School

Fundada em Saligão de Bardez, em 1900.
Directora: Etelvina de Melo.
Professoras 4.

Regime de ensino. Tem 3 classes de inglez e o ensino especial de costura, e bordados. Tem internato. Sexo feminino.

Mater Dei Institution

Fundado em Saligão de Bardez, em 12 de Julho de 1909
Director: Anacleto Lobo.
Professores 8.
Regime de ensino. Tem 9 classes, incluindo a preparatoria que dà ingresso á 1.ª classe, e vae até a 8.ª (matriculation). Tem o curso de dactilografia, curso de guarda livros *(book keeping)* musica, e taquigrafia (*short hand*).

O curso é dividido em 3 secções: a preliminar, a Junior e a Senior. A preliminar divide-se em classe preparatoria, e 1.ª classe. A preparatoria tem dois graus: a junior que compreende a instrução religiosa, e o inglez em leitura, inteligencia de sentido, explicação atravez do concanim e viceversa; arithmetica (numeração, adição e multiplicação); escrita em linhas direitas e curvas na ardosia só. A preparatoria senior compreende o desenvolvimento da junior, entrando tradução em concanim e versões, operações da divisão com dois algarismos no divisor, e a escrita com copias no papel.

A *classe I* compreende a instrução religiosa (catecismo), leitura de textos de inglez, noções de gramatica, ditado, arithmetica, 4 operações, contas em moedas indianas com exercicios escritos, desenho, linhas rectas e curvas, e pinturas simples.

A secção *Junior* compreende a 2.ª, a 3.ª e a 4.ª classes.

A secção *Senior* abrange as restantes, até á 8.ª e compreende nesta ultima: sciencia moral, o inglez (trechos em prosa e verso) com analise gramatical, o latim (Cesar, Cornelio Nepos) arithmetica, raiz cubica, regras diversas de juros, de divisões e proporções, sistema metrico, algebra, equações de duas e tres incognitas; historia que começa na 4.ª classe (repetição da historia da India, e historia da Inglaterra); geografia geral do mundo que já começa na 4.ª classe, e detalhada do imperio britanico, com raças, povos, comunicações, comercio, governo etc., acompanhadas de desenhos de mapas, sciencias naturais, fisica e mecanica que já tinham começado na 4.ª.

Reconhecida pela Universidade de Bombaim, como escola secundaria em 1917, para apresentar alunos para o exame de *matricula*.

St. Mary's School

Fundada em Tivim, de Bardez, ano de 1902.
Director: Hipolito Cassiano Lobo.
Regime de ensino. Tem quatro classes e uma preparatoria.

Colegio de Sto. Antonio

Fundado na vila de Mapuçá de Bardez, ano de 1904 e transferido para o Monte de Guirim no junho de 1909, com a instituição do curso de inglez, segundo o sistema do Colegio de S. Francisco de Bombaim.
Director: Pe. Hipolito Assunção de Luna.
Regime de estudos. Tem uma secção portugueza e outra ingleza. A secção portugueza tem instrução primaria de portuguez, latim, (regime do Seminario) e francez ou inglez. A secção ingleza, é dada em 7 classes. havendo tambem exercicios de musica, dactilografia e jogos.

Colegio do Sagrado Coração de Jesus

(High School of the Sacred Heart of Jesus)

Fundado em Parrá, de Bardez, no ano de 1912
Director: Jacob C. de Sousa.
Regime de estudos. O ensino é ministrado em 7 classes, sendo a 1.ª dividida em 4 secções, e a 7.ª em Junior e Senior Matriculation, sendo todo o curriculo organisado de harmonia com o exigido para os exames da matricula na Universidade de Bombaim. Normalmente, a segunda lingua é o latim, sendo o francez ensinado nas classes de matricula.

Segundo o prospecto constante do relatorio de 1920-21, o fim do Colegio é de proporcionar á mocidade de Gôa uma educação solida e pratica. O lema do Colegio é o «dever» e todos os esforços são empregados para imprimir indelevelmente na consciencia dos estudantes a idea sagrada do dever, tanto para comsigo como para com os seus pais, paiz e religião.

Tem ensino especial de guarda-livros e de correspondencia comercial, alem do inglez, gramatica, aritmetica e geografia.

Tem 8 professores.

E' escola mixta.

O Progresso

Fundado, na vila de Mapuçá em 7 de Junho de 1917.
Director: Pe. Belarmino E. Sousa.
Regime de estudos. Tem 5 classes e 5 professores. Tinha internato. Já não funciona.

Anglo-concanim School

Fundada em Mapuçá, em 1906.
Director. Santana Pascoal Sousa Rodrigues, e dirigida autualmente por Bascora Sinai Matmó.

Regime de estudos. Nas classe I, II e III ensina-se o inglez atravez da vernacula concanim. Tem tres classes, havendo no fim um exame. Não tem internato.

St. Aloysiu's School

Fundada em Mapuçá no ano de...
Director: Dondu Sadassiva Narcornim.
Regime de estudos. Tem 8 classes, excluida a preparatoria.

Escola Ingleza

Fundada em Mapuçá, no ano de...
Director: Purxetoma A. Sinai Telinga.
Regime de estudos. Tem 7 classes excluida a preparatoria.

Outra Escola Ingleza

Fundada em Mapuçá, no ano de...
Directora: D. Grecy Lopes.
Regime de estudos. Tem 3 classes

Colegio Inglez

Fundado em Mapuçá, no ano de 1924.
Director: Luis Antonio Pinto.
Regime de estudos. Tem 8 classes.

Escola Ingleza de Siolim

Fundada em Siolim, de Bardez, no ano de...
Director: Lucas Micael Mascarenhas.
Regime de estudos. Tem 6 classes de inglez.

Outra Escola Ingleza de Siolim

Fundada em Siolim, de Bardez, no ano...
Director: Aleixo João Carvalho.
Regime de estudos. Tem 3 classes.

Escola Ingleza de Aldoná

Fundada em Aldoná, de Bardez, no ano de...
Director: Eduardo Soares.
Regime de estudos. Tem 6 classes.

Outra Escola Ingleza de Aldoná

Fundada em Aldoná, de Bardez, no ano de ..
Director: Victor Fernandes.
Regime de estudos. Tem 5 classes.

Escola Ingleza de Sangoldá

Fundada em Sangoldá, de Bardez, no ano de ...
Director: Bascora M. Sinai Borcar.
Regime de estudos. Tem 5 classes.

Colegio A. José d'Almeida

Fundado na Cassabé do concelho de Pondá em 1911 e mantido pela «Liga da Propaganda de Instrução em Gôa»

Director: E' a Direcção da Liga que é autualmente constituida por Sirnivassa Voicunta S. Dempó, presidente, Ramachondra Panduronga Vaidia, tesoureiro e, Sitarama Quercar secretario.

Regime de estudos: Tem ensino de portuguez, instrução primaria e ensino secundario, até 3 classes, duas escolas primarias maratas com quatro classes; tem internato (Casa de educação) anexo ao Colegio.

Professores 3.

Mantem outras escolas, que se encontram referidas em outra parte.

West of India Portugueze Railway

E' escola fundada no ano de... e mantida pela Companhia do Caminho de Ferro de Mormugão. Tem sêde em Vasco da Gama, e supõe-se que o seu funcionamento é anterior a 1902. Tinha o caracter de escola mixta. Desde 1923, a escola é só para rapazes.

Regime de estudos: Tem 5 classes.

Simõe's University Colege

Fundada em Vasco da Gama no ano de 1905.
Director—Augusto Simões.
Regime de estudos. Tem 7 classes.

Anglo-Portugueze Institute

Fundada, em Vasco de Gama, do Concelho de Salsete, (hoje Concelho de Mormugão) no ano de 1918.

Director Filipe Remedios Socrates da Cruz.

Regime de estudos: Tinha 6 classes e internato. Já não funciona desde 1923 passando o seu director a dirigir a *Union High School* em Margão. Ensinava-se o *book keeping* na 5.ª e 6.ª classes, e por pouco tempo a taquigrafia e a dactilografia.

Havia jogos de foot ball, cricket, etc.

Professores 6.

Union High School

Fundada na vila de Margão, do Concelho de Salcete, em julho de 1899 tendo sido celebrado a 17 de julho do ano findo o seu jubileu de prata.

Director—Roque S. Gracias (falecido), e actualmente, Filipe Remedios Socrates da Cruz.

Regime de estudos: Tem 7 classes de inglez.

Ensina-se a escrituração comercial na 5.ª classe. Tem uma biblioteca escolar com mais de 250 vol Ha jogos desportivos, como o foot boll, cricket, etc.

St. Josef's School

Fundada em Cansaulim, do Concelho de Salcete, em 1913.

Director—Remedios Santana Menino Fernandes (falecido), e actualmente T. Fernandes.

Tem cinco classes de inglez.

Professor, 1.

INSTITUIÇÕES DE CARACTER EDUCATIVO

DE INICIATIVA PARTICULAR E OUTRAS EXISTENTES NO ESTADO DA INDIA

Alem das Caixas de beneficencia escolar que existem criadas em cada uma das escolas primarias pela P. P. n.º 333 de 22 de Junho de 1917 (Bol. n.º 51), que são de iniciativa oficial, mas de caracter educativo, ha mais as seguintes:

CONCELHO DAS ILHAS

Gremio literario musical, com sede em Pangim, com Estatutos aprovados pela P. P. n.º 206 de 14 de Agosto de 1902 (Bol. n.º 64).

Gremio literario Afonso d'Albuquerque, com sede em Nova Gôa, com Estatutos aprovados pela P. P. n.º 349 de 9 de Agosto de 1911 (Bol. n.º 64).

Sri Mahalacximi prassadik hindu vachana mandir, com sede em Nova Gôa, tendo tido origem a 10 de Janeiro de 1907. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 381 de 23 de Agosto de 1911 (Bol. 68). Tem hoje casa propria e mantem uma biblioteca e uma escola gratuita de ensino marata.

Associação Mustifanda Saunsta, com sede em Nova Gôa, fundada em 5 de Outubro de 1908. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 469 de 29 de Agosto de 1913 (Bol. n.º 70). Tem hoje casa propria e mantem duas escolas de ensino marata.

Associação Sri Panduronga Prassadik Vidiabhuana, fundada em 1 de Novembro de 1910, com sede em Nova Gôa. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 497 de 16 de Setembro de 1913 (Bol. n.º 75).

Caixa escolar do Liceu Nacional de Nova Gôa. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 545 de 29 de Outubro de 1913 (Bol. n.º 87). Transformada em *Associação*

dos Estudantes do Liceu Central Afonso d'Albuquerque pela P. P. n.º 117 de 19 de Fev. de 1924 (Bol. n.º 16).

Biblioteca Agricola. Museu agricola e florestal, criados pela P. P. n.º de 15 de janeiro de 1914 (Bol. n.º 5).

Sri Sarasvati Mandir, com sede em Nova Goa. E' uma biblioteca com perto de 3 mil volumes. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 13 de 6 de Janeiro de 1916. (Bol. n.º 3).

Biblioteca pedagogica organisada na Inspecção da instrução primaria. Bol. n.º 99 de 1916.

Club Vasco da Gama, com sede em Nova Goa. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 222 de 29 de Setembro de 1909. Foi fundado pela fusão dos antigos Club de Nova Goa e Gremio Vasco da Gama

Club Nacional, com sede em Nova Goa. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 377 de 6 de Setembro de 1912, Bol. n.º 75.

Museu de Arqueologia, no Convento de S. Caetano na cidade de Velha Gôa. Foi primitivamente *Museu Real de Arqueologia*, criado pela P. P. do Vice Rei Infante Dom Afonso, de 22 de Maio de 1896.

Associação escolar com *Caixa de Beneficencia, da Escola Normal* de Nova Goa. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 128 de 19 de Fevereiro de 1924 (Bol. n.º 18).

Bal Vachana Mandir (biblioteca infantil), com sede em Nova Goa. Não tem ainda Estatutos aprovados.

Associação instrutiva com sede em Nova Goa. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 430 de 8 de Julho de 1918.

Anjuman Nurul Islam, com sede em Nova Gôa. Instituição de ensino hindustani, subsidiada pelo Estado com 600 rupias anuaes pela P. P. de 28 de Dezembro de 1924 e D. L n.º 142 de 26 de março de 1925. Bol. n.º 25). Mantem uma escola desse ensino.

Xarada Vachan Mandir (biblioteca) com sede em Ribandar.

Sri Santa Durga Vachan Mandir, biblioteca anexa ao Centro promotor de Instrução de Combarjua com Estatutos aprovados pela P P. ..

Instituto Vasco da Gama, com sede em Nova Gôa.

Destina-se a ser o centro de alta cultura na India Portugueza. Foi fundado em 1871, com Estatutos aprovados pela P. P. n.º 332, de 24 de novembro desse ano. Foi restabelecido em 1924, por ocasião das festas do 4.º centenario do falecimento de Dom Vasco da Gama, pela P. P. n.º 105 de 10 de Fevereiro de 1925 (Supl. ao n.º 14). A Biblioteca Nacional de Nova Goa passou a ser anexa a esse *Instituto*, e a sua sede, denominando-se *Biblioteca Vasco da Gama* desde o Diploma Legislativo n.º 144 de 26 de Março de 1925. (Bol. n.º 25). Foi regulamentado pela P. P. n.º 357 de 17 de Abril de 1925 (Bol. n.º 34).

Bhandari Sikshanotejaca Samaj, com sede em Ribandar, fundada em 8 de Novembro de 1924. Abriu uma escola de ensino marata e uma biblioteca para o publico. Não tem Estatutos aprovados.

Kshatria Bhandari Samaj, com sede em Nova-Goa fundada em 1 de Janeiro de 1925 Abriu uma escola nocturna da lingua portuguesa para o publico. Não tem Estatutos aprovados.

Centro promotor de Instrução, acima referido, com sede em Combarjua, com Estatutos aprovados pela P. P. n.º 110 de 26 de Janeiro de 1920. Destina-se a desenvolver a instrução, por meio da fundação de escolas, bibliotecas, etc. Alem da biblioteca acima mencionada, tem tambem uma escola «Sri Xarada Vidialaia» onde se ministra o ensino primario e tecnico-profissional. Vae ter nova casa propria.

CONCELHO DE SALSETE

Biblioteca municipal circulante. Tem Bazes publicadas no Bol. n.º 98 de 1914 e Estatutos aprovados pela P. P. n.º 35 de 19 de Janeiro de 1916, Bol. n.º 6.

Sarasvat Braman Samaj, com sede em Margão Teve origem a 19 de Março de 1912 e tem por fim promover o progresso fisico, intelectual e moral do publico em geral e da mocidade estudiosa em especial. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 113 de 28 de Fevereiro de 1918. Bol. n.º 20 e tem uma biblioteca.

Club de Margão, com sede em Margão. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 399 de 14 de Julho de 1917, Bol. n.º 57. Destina-se a proporcionar aos seus socios um passatempo util, instrução literaria e artistica, como leitura de jornais, revistas, exercicios fisicos.

Club A B C, com sede em Margão. Destina-se para jogos não prohibidos por lei, concertos, conferencias, representações teatrais, etc. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 688 de 3 de Outubro de 1923, Bol. n.º 86

Sri Damodar Vachan Mandir, com sede em Margão.. Tem biblioteca

Associação Filomatica, com sede na freguezia de Chandor. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 582 de 24 de Agosto de 1895 (Bol. n.º 92) e publicados no Bol. n.º 119 de 31 de Outubro do mesmo ano). Tem um teatro anexo denominado «O Progresso» e uma, no entanto, pequena biblioteca. Destina-se a difundir o conhecimento de sciencias, letras e artes

Vitola Vachan Mandir e *Sri Vitola Praçadica Dniana Mandir*, com sede em Assolnã, fundada em 21 de Maio de 1917 Destina-se a promover o progresso fisico, intelectual e moral. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 478 de 9 de Junho de 1924

Laxcimi Sarasvati Mandir (biblioteca) com sede em Cuncolim.

CONCELHO DE BARDEZ

Biblioteca municipal Ataide, com sede em Mapuçá. Tem Estatutos aprovados pela P. P. de 20 de Agosto de 1898. Foram alterados posteriormente pela P. P. de 3 de Janeiro de 1909.

Gremio literario de Mapuçá. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 114 de 27 de Abril de 1903 (Bol n.º 35).

Sarasvata Mandir, com sede em Mapuçá (biblioteca)

Vaixia Mandala, com sede em Mapuçá, destinada a promover o progresso social da classe Vaixa com o auxilio da Associação *Dnian Pracarak Mandaly* da mesma vila. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 458 de 9 de Julho de 1924 (Bol n.º 60).

Associação do Liceu Municipal de Mapuçá. Tem Estatutos aprovados pela P. P. de 19 de Fevereiro de 1924 (Bol. n.º 20).

Instituto Academico, com sede em Calangute.

Tem anexos desde 1 de Janeiro ultimo o *Gremio Vasco da Gama*, e desde 31 do mesmo mez uma biblioteca, que no entanto possue uns 400 impressos, entre livros, folhetos, etc.

CONCELHO DE PONDÁ

Liga de propaganda de instrução em Gôa, com sede na Cassabé de Pondá. Tem casa propria e Estatutos aprovados pela P. P. n.º 510 de Setembro de 1917 (Bol. n.º 74).

Mantem escolas maratas com 3 classes, o ensino primario do portugues do 1.º e do 2.º grau, e um *Colegio* denominado *Antonio José d'Almeida* com tres classes de ensino secundario.

Biblioteca Municipal de Pondá, na Cassabé
» *Maharastra Sarasvati Vachan Mandir* na Cassabé, tambem.
» *Ramadass Vachan Mandir* em Durbate.
» *Sri Novadurga Vachan Mandir*, em Marcaim.
» mantida pelo pagode, em Manguexe.
» *Sarasvati Vachan Mandir, em* Velinga.
» *Sarasvati Mandir* com sede em Marcaim.

Anjuman Islam, escola de hindustani na Cassabé de Pondá (subsidiada pelo Estado como a outra de Nova Gôa, pelo D. L. n.º 142 de 26 de Março de 1925, (Bol. n.º 25).

CONCELHO DE QUEPÊM

Balonati Samaj, (gabinete de leitura) com sede na Cassabé de Quepem, fundado em 18 de Novembro de 1920.

CONCELHO DE SANQUELIM

Biblioteca Manuel de Arriaga.

CONCELHO DE SANGUEM

Vitola Sevaca Mandal, com sede na Cassabé de Sanguem. Teve origem a 30 de Novembro de 1920, e tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 345 de 5 de Maio de 1924. Destina-se a promover o progresso intelectual, moral e fisico do publico em geral, e das classes atrazadas em especial.

CONCELHO DE PERNEM

Sri Rovolnata Vachanalai, (biblioteca) com sede na Cassabé de Pernem. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 562 de 15 de Julho de 1919 (Bol. n.º 57). Destina-se a proporcionar ao publico em geral e a mocidade estudiosa em especial os meios convenientes ao seu progredimento nas sciencias, letras e artes.

CONCELHO DE CANACONA

Centro promotor de Instrução, com sede em Chaudi de Canácona. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 639 de 3 de Setembro de 1923 (Bol. n.º 79).

Balbandu Samaj, que tem uma biblioteca.

Ramadass Mandal, tendo anexo um *Club* desportivo e uma biblioteca *Ramadass Vachanalaia.*

DISTRITO DE DAMÃO

Gremio literario, com sede em Damão pequeno. Tem Estatutos aprovados pela P. P. n.º 607 de 3 de Setembro de 1923 (Bol. n.º 75). Destina-se para desenvolvimento da instrução nas sciencias, letras e artes

Associações e instituições de goezes, fora da India Portugueza

BOMBAIM (1)

União Goana (instituição representativa de todos os goezes na India ingleza) fundada em 1903, num Congresso em que tomaram parte, representantes de varios centros de goezes na India ingleza, Africa e outras partes. Destina-se a velar pelo progresso intelectual, moral, financeiro, social, educativo, etc. dos filhos de Goa fora dela. Tem sua séde em Bombaim, com sucursaes em Karachi, Puna, Igatpuri, Ahmedabad, Rangoon, Akola, Dhondi, Jhansi, Bhusawal, Rutlam, Harda, Sholapur, Mombassa, Zanzibar, Nairobi, Entebe, etc. Tem sócios vitalicios e ordinários e, mais de cem clubs goezes estão agrupados como socios colectivos. Tem prestado relevantes serviços aos goezes em toda a parte. O Governo Inglez fornece ou envia todas as publicações oficiaes e a Gazeta do Governo, distribuidas às outras instituições publicas desta cidade. O seu primeiro Presidente foi o sr. Dr. Acacio G. Viegas e o Secretario, o finado Comendador Leandro Mascarenhas de sandosissima memória, sendo este o principal fundador da mesma. Foi tambem seu Presidente por dois anos, o finado Dr. Blasio Pais de inolvidavel memória. O actual presidente é o sr. Dr. Wilibaldo F. Pais e o Secretario o sr. J. J. Athaide, B. A., L. L. B.

A *União Goana* tambem prestou relevantes serviços, especialmente às viuvas e orfãos dos tripulantes goezes durante a grande guerra europeia, obtendo pensões e premios pecuniarios aos mesmos. Posteriormente, desde 1905 a 1911 o sr. Antonio Xavier de Sousa serviu de Secretario, trabalhando incansavelmente pelo progresso e desenvolvimento da União. Ao depois o sr. João Francisco Gomes por dois anos tambem prestou serviços

(1) Notas amavelmente fornecidas pelo sr. Antonio X. de Sousa, natural de Calangute e considerado funcionario da Relação de Bombaim.

importantes como seu Secretario.

A escola da *União Goana* é reconhecida pelo Governo e pela Universidade, e tem classes de Portuguez, sendo frequentada pelos estudantes, que seguem esta como segunda lingua, exigida pela Universidade. O novo edificio escolar, como tambem o velho construido em 1905, pertencem à Fábrica da egreja de Dabul que estabeleceu a mesma escola. O Revdo João Narciso Coutinho é o Director da escola e Presidente da Fábrica, cujos vogaes são: os srs. Dr. Acacio G. Viegas, P. V de Souza, Pedro Alcantara da Cunha, Thesoureiro, e Antonio Xavier de Souza, Secretario.

Associação Goana de Mutuo auxilio. Fundada em 1885, a Associação Goana destina-se a providenciar com seguros de vida aos seus socios E' registada sob *Indian Companies Act.*, 1882, e, durante a sua existencia distribuiu em premios às viuvas e orfãos, mais de Rps. 21.65.000. Tem um magnifico edificio proprio, sito á entrada da rua Burrow's Lane Dabul, em Bombaim onde, alem de ter a sua repartição, funcionam as repartições da *União Goana* e *Instituto Luso Indiano.* Tem prestado fiança de 2,00,000 com o Controller Geral do Governo. Foram seus fundadores os srs. Bernardo Xavier Furtado e Salustiano de Menezes, ambos de saudosa memoria. A sua direcção actual é presidida pelo Capitão J. Albano de Sousa, J. P., B. A., L. M. & S.

Instituto Luso-indiano. E' uma instituição literaria e recreativa. Foi fundada em 188 . Tem socios vitalicios e ordinarios. Possue uma livraria com um bom numero de livros inglezes, portuguezes e jornaes etc. Promove conferencias, debates, rècitas, concertos, etc. Tem uma secção sportiva, proporcionando aos socios o jogo de cricket, hockey, foot-ball, etc. Anualmente realiza-se, entre os seus socios e os Goezes de Puna, um *cricket match*, em Bombaim e tambem em Puna Tem prestado grandes serviços à nossa mocidade, fornecendo-lhes meios de melhorar a sua cultura post-escolar. Funcciona nas casas da *Associação Goana*, tendo uma sala vasta onde se realizam comicios, danças, reuniões, etc., da

Colonia. O actual Secretario do Instituto é o sr. Manuel de Sá.

O Instituto de Mazagão. Com identicos fins, o Instituto de Mazagão foi fundado em 1895. Tambem tem uma biblioteca com livros inglezes e portuguezes e secção sportiva. Tem contribuido muito para o progresso dos nossos patricios residentes em Mazagão e Byculla, tendo no ano de 1920 celebrado o seu Jubileu de Prata.

Os seus principaes fundadores foram, os finados D. Reginaldo Simões e José Domingos Pinto. A autual direcção é presidida pelo sr. Dr. Ubaldo Mascarenhas, sendo secretario o sr. F. X. de Sousa.

Sociedade de N. S. de Piedade (Dabul). A Sociedade de N. S. de Piedade de Dabul foi estabelecida em 1869 pelo finado Domingos Caetano de Sousa, vulgarmente conhecido como Dr. Caetano, e outros patricios nossos. Destina-se a socorrer os indigentes e desvalidos de fortuna. Tambem dá passagens aos filhos de Goa, que estiverem faltos de meios para seguir à sua terra natal. Tem sua casa propria na Horta Baixa, onde estão asilados os seus pobres recipientes. Tem membros efetivos e honorarios. O finado Dr. Gelasio Dalgado fez uma deixa de Rs. 25,000 nas mãos da Sociedade, afim de proteger e auxiliar mulheres desvirtuadas e dar roupa aos asilados da Sociedade, anualmente no dia do aniversario do seu falecimento, e uma missa de *requiem* pela sua alma. São curadores deste Fundo os srs. Mathias S. Pereira, Antonio Xavier de Sousa e Gonzaga L. Páis. São grandes e relevantes os serviços prestados por esta Sociedade, que já celebrou o seu Jubileu de Ouro, a milhares de goeses e outros. O seu actual Presidente é o sr. J. J. Silvestre de Sousa e o Secretario sr J. Mendanha.

Foi no ano de 1919 que celebrou o seu Jubileu de Ouro, e então foram publicados os seguintes algarismos. A receita total até então foi de Rs. 1,89,441-13-2, sendo socorridos milhares de viuvas, orphãos e indigentes goezas etc., com Rs. 1,25,551 3 6. Autualmente mais de 100

pobres, entre varões, mulheres e creanças, estão no seu rol de recipientes, a maior parte dos quais residem no seu asilo em Horta Baixa, sob a supervisão duma Lady Superintendent ou Matrona.

A Sociedade de N. S. de Piedade de Mazagão. Com identicos fins, esta Sociedade foi por alguns anos mantida como sucursal da de Dabul. Porem foi feita a separação ha mais de 25 anos, tendo em vista o aumento da freguezia de Mazagão, que hoje está transferida para Byculla. Tambem tem prestado importantes serviços esta benemerita Sociedade O autual presidente é o rvdo. J. C. Ferreira e secretario o sr. J. Elizabeth Fernandes.

The Lusitanian Sporting Club. Este Club destina-se á cultura physica da nossa mocidade e promove jogos de cricket, hockey, foot-ball, etc. Foi estabelecido ha mais de 25 anos, e criou grande nome com muito credito para colonia, quando em 1913 e 1916—os seus jogadores de Hockey venceram o trophéu *Silver Cup* no Torneio Agá Khan em que tomaram parte mais de vinte Clubs vindos a esta cidade de varias partes da Presidência de Bombaim e ainda de Calcutta, Lahore, Ajmere, etc. No torneio realisado em 1921 e 1922 foi ganho o *Hard-lines-Cup.* Um dos seus principaes bemfeitores foi o finado José Apolinario de Sousa de Assagão, de saudosa memória.

O Lusitanian Sporting Club foi estabelecido com o nome do *Indo-Portugueze Sporting Club*, em 1909, passando em 1910 a ter a autual designação. A autual direcção é presidida pelo sr. dr. Clemente R. Ferreira M. B. B. S. sendo secretario o sr. dr. Fred. B. de Sousa M. B. B. S.

The Goan Union High School (actualmente denominada The S. Sebastian Goan High School). Esta escola foi estabelecida em 6 de Janeiro de 1903 pela Fábrica da egreja nacional de S Francisco Xavier de Dabul. Desde 1906 funcionou no edificio proprio em Dabul, e hoje está transferida para um magestoso edificio com tres andares sito ao lado da egreja, fabricado no terreno concedido pelo govorno britanico gratuitamente,

custando a nova construção tres laques de Rupias, cuja quarta parte foi custeada pelo Governo com o *Grant-in-aid.* Tem oito classes, até a Matricula. Desde o comêço foi seu Principal, o Revdo. Glaciano L. Pais, sendo recentemente sido substituido por Fr. Leo, Superior dos Capuchinhos. Tem actualmente mais de 450 estudantes. Tem contribuido muito para o levantamento e progresso dos filhos de Goa, que frequentam a mesma, tendo anualmente obtido muito bom resultado, nos exames de Matricula.

Escola de meninas em Dabul. Foi estabelecida uma escola de meninas desde 15 de Junho de 1925 no velho edificio escolar sob a direcção da sra. D. Beatriz Lisboa, B. A., S. T. C. Tem apenas 70 alunas e tres classes. Espera-se maior desenvolvimento tornando-se uma bem montada escola de meninas, de que há uma grande necessidade para a colonia.

The Catholic Educational Institute of Imaculate Conception. Este Instituto de educação foi fundado pelo Mto. Revdo. Dr. Jeronimo Simão Fre'tas, D. D. no ano de 1913, depois do seu regresso de Roma. Está situado em Guirgão, ao pé de Kenedy Bridge, um dos melhores sitios. Tem oito classes, contando com a de Matricula. E' unica instituição dos goeses que tem um internato com quasi cem rapazes. Além disto ha estudantes de fora, montando o numero a mais de 300 alunos. Tem obtido bons resultados nos exames de Matricula e tem prestado relevantes serviços à colonia, e em especial aos nossos emigrantes de Africa, etc., que deixam os seus filhos no Instituto, como internos. Não possue ainda a casa propria, que é um seu *desideratum.* Ensina-se tambem o Portuguez como lingua secundaria. Está reconhecido pelo Governo e pela Universidade.

The Antonio de Sousa High School. Deve a sua existencia à generosidade de um goez cujo nome leva. Foi estabelecida em 1825, anexa a egreja e N. S. de Gloria em Mazagão. Quando esta egreja foi transferida para Byculla, construiu-se ao lado desta um magestoso edificio de tres andares, destinado a esta escola, sendo custeadas as despezas pelo dinheiro deixado pelo seu

benemerito fundador e pela contribuição do Governo Britanico. Por muitos anos foi dirigida esta escola pelo Revdo. J. dos Santos, e autualmente o seu Principal é o sr. Aluisio Soares, M. A., L. L. B. Tem oito classes até a de Matricula No fim do ultimo ano lectivo havia no seu rol 468 estudantes, sendo 110 de sexo feminino. Tem classes de Portuguez. Tem feito grande progresso, especialmente durante os ultimos anos, e o seu resultado nos exames de Matricula tem sido bom. Est' reconhecida pelo Governo e pela Universidade.

The Little Flower of Jesus School. No ano passado foi fundada uma escola, anexa à capela de Sonapur em Bombaim pelo Revd.º Herculano D. Gonsalves. E' frequentada pelos rapazes e raparigas da localidade na maior parte de pequena edade. Funciona em casas alugadas e vae prestando bons serviços à mocidade goesa. Tem mais de 125 alunos e três classes de Inglez.

Uniões Aldeanas. Com o fim de desenvolver o espirito de união e co-operação têm-se estabelecido nesta cidade de Bombaim varias associações entre os filhos dalgumas aldeas de Goa. Até o presente acham-se fundadas as Uniões de Tivim, Calangute, Assagão, Parrá, Reis-Magos, Moirá, Anjuna, etc. e vae aumentando o numero das mesmas. Promovem entre os coaldeanos *socials* ou reuniões familiares com danças, cantos, etc. e tambem prelecções, recitas, etc. Tem seus estatutos e algumas, como a de Calangute. têm um ramo de mutuo auxilio, sendo os herdeiros dos socios, contemplados com um premio pecuniario depois do decesso destes, como tambem outro ramo o *Loan Society* ou de emprestimos pecuniarios para as necessidades monetarias dos socios. São estas Uniões de grande vantagem e valor, pois não só fazem reunir muitas vezes, varios dos seus coaldeanos espalhados em diferentes partes da grande e cosmopolita cidade de Bombaim, mas alem disto proporcionam oportunidades para conhecer as necessidades dos seus irmãos, afim de serem protegidos ou auxiliados devidamente.

Indian Cooperative Navigation & Co.—E' uma sociedade cooperativa de navegação, possuindo no entanto

dois vapores, o *S. Francisco* é o *St. Tukarama* destinados ao transporte de passageiros entre Nova Goa. e Bombaim. Não é exclusiva de goezos.

Imprensa — Tem jornais e revistas, como o *Anglo Luzitano*, o *Magazine* etc.

Goan young men's society.

Goa hindu association Society (fundada em 1919).

KARACHI

Associação Goana.

Indian Life Assurance & C.º

POONA

Anglo portuguese Institute. Tem casa propria e livros para a leitura. Tem Tennys, cricket, meza de bilhar.

Goan Institute.

ZANZIBAR (2)

Instituto Goano, fundado em 16 de Outubro de 1904. Desde 1922 por intervenção do Consul geral de Portugal em Zanzibar o sr. Dr. Julio Augusto Borges dos Santos. foi o Instituto Goano reconhecido como Associação representativa da Comunidade goeza de Zanzibar, tendo em 21 de abril de 1923 sido permitido usar bandeira nacional, o que foi confirmado pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros. O Instituto tem hoje casa propria, com sala de leitura e Bibliotaca.

Tem aproximadamente 200 socios.

Existem tambem em Zanzibar uma instituição de caridade. denominada *Fundo S. Francisco*, e uma *Sociedade de S. José*, cujos fins são providenciar com passagens para a repatriação dos filhos de Goa, que ficaram sem colocação.

Segundo o relatorio prestado pelo nosso Consul em Zanzibar, sr. Souza Mendes em 1912 á Sociedade de Geografia de Lisbôa, havia tambem um *criket*.

(2) Notas amavelmente fornecidas pelo prestante chanceler do antigo Consulado geral de Zanzibar, hoje de Nairobi, o sr. Tomaz Gorgonio da Cruz.

MOMBASSA

Nairobi e Entebe—Segundo o citado relatorio havia nestas cidades um tenniscourt, um campo de foot-ball e institutos literarios. Como sociedades de beneficencia uma *União Goana,* destinada a ajudar os compatriotas destituidos de meios, na sua doença, ou para os repatriar.

Ha em Nairobi um *Instituto Goano,* com edificio proprio e Biblioteca.

DAR-ES-SALAM

Ha um *Instituto Goano* funcionando, no entanto, em casa alugada, visto a propria que vai ter, estar em construcção.

BEIRA (3)

Associação de Beneficencia «A Oriental», fundada ha quasi 20 anos para socorrer os goeses, sejam ou não associados, encontrados na miseria ou desprotegidos de sorte ou para os repatriar quando doentes, tendo sido muitos deles repatriados, tendo falecido alguns junto de suas familia em Gôa e outros restabelecidos das suas doenças adquiridas em Africa. Tambem os funerais dos goezes falecidos na Beira têem sido custeados pela Associação, assim como forneceu uma vez uma perna artificial que custou £ 25, a um operario natural de Goa, não associado e que perdeu a sua no trabalho.

Esta Associação encontra-se hoje muito prospera. Tem instalação propria, num dos melhores edificios de alvenaria, da cidade da Beira, sendo a sua sala, actualmente, a maior dessa cidade.

A segunda denomina-se *Gabinete de Leitura da Beira,* instituição tambem prospera possuindo Revistas, Ilustrações e Jornais quasi mundiais. Possue quasi todas as producções scientificas, artisticas e literarias dos filhos distintos de Gôa, espalhados pelo mundo; grande colecção de livros poeticos, romanticos e outros, de autores universalmente conhecidos, assim como possui tambem uma sala com bilhar inglez, seguida de uma outra com refrescos, etc., e uma outra ainda, para jogos licitos. Funciona numa casa arrendada por pouco tempo.

(3) Notas amavelmente fornecidas pelo sr. Nuno Gonçalves, digno administrador do concelho das Ilhas, antigo comerciante na Beira, e pelo sr. Anselmo de Noronha, ajudante de guarda livros do Banco da Beira.

A terceira *Centro recreativo da Beira,* associação sportiva para jogos de «tennis», ping-pong», etc., tendo festas dançantes e outras num bonito e alegre edificio proprio que possue no seu campo, que foi oferecido á Associação pelo governo daqueles territorios, como foi oferecido tambem o terreno onde foi construido o edificio da «A Oriental».

LOURENÇO MARQUES

Instituto Goano.

Associação de mutuo auxilio de operarios indianos.